

COMPETÊNCIAS PARA A VIDA

Trilhando caminhos de cidadania



unicef 


WELLA
PROFESSIONALS

COMPETÊNCIAS PARA A VIDA

Trilhando Caminhos de Cidadania

Este material é seu. Use sem moderação.

Brasília, julho de 2012.



Expediente

Realização:

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)

Gary Stahl

Representante do UNICEF no Brasil

Antonella Scolamiero

Representante-adjunta do UNICEF no Brasil

Escritório do Representante do UNICEF no Brasil

SEPN 510, Bloco A, 2º Andar

Brasília-DF – 70750-521

www.unicef.org.br

brasil@unicef.org

Competências para a vida – Trilhando Caminhos de Cidadania

Equipe UNICEF:

Coordenação Geral: Ludimila Palazzo e Mário Volpi

Colaboração:

Rui Aguiar – Escritório do UNICEF em Fortaleza

Andréia Neri – Escritório do UNICEF em Salvador

Immaculada Prieto – Escritório do UNICEF em São Luís

Organizações Não-Governamentais (ONGs) parceiras:

Casa Pequeno Davi – PB

Centro das Mulheres do Cabo – PE

Cipó – Comunicação Interativa – BA

Instituto da Juventude do Ceará (IJC) – CE

Instituto Formação – MA

Oficina de Imagens – MG

Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta) – PE

Coordenação e edição:

Gabriela Goulart Mora

Textos:

Gabriela Goulart Mora e Carolina Lemos Coimbra

Design, ilustração, diagramação e arte final:

Bernardo França

Índice :

Apresentação :

- Investindo na adolescência brasileira – **Pg. 5**
- Informação Técnica – **Pg. 6**

Parte I : Introdução e conteúdo-base :

- O Brasil de hoje é pura energia adolescente – **Pg. 8**
- Quem sou eu? – **Pg. 10**
- Quem são os adolescentes? – **Pg. 10**

Parte II : Orientações gerais para o uso do material:

- Competências para a vida. – **Pg. 15**
 - Lista sempre em construção – **Pg. 15**
 - Temas organizados em categorias – **Pg. 15**
 - Conexão temática – **Pg. 17**
- Matriz das Competências – **Pg. 18**
- Objetivo das fichas – **Pg. 22**
- Dicas práticas – **Pg. 24**
- Sugestões de atividades – **Pg. 25**
- Papel do facilitador – **Pg. 25**
- Papel dos Participantes – **Pg. 26**
- Rodas já inventadas e testadas – **Pg. 26**

Parte III : Fichas – Anexas

Investindo na adolescência brasileira

O UNICEF e a Wella estabeleceram uma parceria para investir na adolescência brasileira. O momento é estratégico: vivem hoje no Brasil 21 milhões de meninos e meninas entre 12 e 17 anos, o que equivale a 11% da população brasileira.¹ Com uma participação percentual tão significativa dos adolescentes no total da população, o Brasil tem uma grande oportunidade de desenvolvimento.

Mas para que essa oportunidade se traduza na prática, é preciso romper o preconceito social que ainda enxerga esse grupo como um problema e implementar ações que apoiem o desenvolvimento integral desses meninos e meninas. Voltado para educadores e para os próprios adolescentes, este material sugere uma série de conteúdos e práticas que podem contribuir para que a adolescência seja vivenciada de forma plena, com acesso aos direitos e participação em processos decisórios.

Com base em um trabalho realizado em parceria com organizações governamentais e não-governamentais, com adolescentes do Semiárido, da Amazônia e de comunidades populares dos centros urbanos, o UNICEF observou que para garantir o desenvolvimento das adolescências, contemplando sua diversidade, alguns temas não podem deixar de ser trabalhados pela família, pela escola, pela comunidade e pelos próprios adolescentes.

Esses temas são apresentados nesta publicação em linguagem acessível e criativa, com respeito às diferenças regionais e atenção aos direitos humanos, princípios de equidade e igualdade de gênero, raça e etnia. A linguagem visual também foi especialmente trabalhada em tom leve e bem-humorado.

Esperamos que este material esteja em constante processo de aprimoramento. Para isso, sua contribuição para testá-lo, utilizá-lo e adaptá-lo é fundamental.

Parte I :

Introdução e conteúdo-base

O Brasil de hoje é pura energia adolescente.

Imagine todo o potencial de um adolescente multiplicado por milhões. Hoje são 21 milhões de meninos e meninas de 12 a 17 anos no Brasil², o que equivale a 200 Maracanãs lotados; duas vezes a população da cidade de São Paulo; três vezes a população da cidade do Rio de Janeiro e sete vezes a população de Salvador!

Este é um momento inédito de possibilidades para o Brasil e para os adolescentes. Com apoio para vivenciar sua adolescência de forma plena e saudável, esses meninos e meninas têm o poder de gerar grandes transformações em suas próprias vidas, na vida de suas cidades, comunidades, famílias e no país como um todo.

Desconstruir preconceitos – Essa é a chave para enxergar os desafios vivenciados por adolescentes brasileiros e buscar caminhos para superá-los. Por preconceito e falta de informação, ainda se fala dessa fase como “aborrescência”, retratando-a como um período problemático. Essa visão negativa e reducionista, que desconsidera a importância dos importantes processos de desenvolvimento que ocorrem na adolescência, acaba ocultando desafios a serem superados para que o país desfrute da sua energia adolescente de maneira transformadora.

Superar desigualdades – Se olhássemos as desigualdades do Brasil sob a ótica dos adolescentes, veríamos que algumas questões atingem de forma ainda mais grave o grupo de 12 a 17 anos do que a população em geral. Mas nem todos os adolescentes são afetados da mesma maneira. Alguns grupos estão mais vulneráveis e têm acesso ainda mais limitado a seus direitos pelo fato de serem meninas ou meninos, terem algum tipo de deficiência, serem negros ou indígenas, viverem no Semiárido, na Amazônia ou na periferia de grandes centros urbanos.



Quais as principais vulnerabilidades e desigualdades que afetam a vida dos adolescentes no Brasil?

Pobreza

Os adolescentes são o segundo grupo de idade mais pobre da população, depois das crianças: 38% dos adolescentes brasileiros vivem em pobreza, enquanto no total da população esse percentual é de 29%.³

Violência

O homicídio é a primeira causa de morte de adolescentes no Brasil. A cada dia, em média, 11 adolescentes entre 12 e 17 anos são assassinados. Entre o grupo de 15 a 19 anos, são 19 a cada dia!⁴

Escolaridade

Enquanto no grupo de 6 a 14 anos, menos de 3% estão fora da escola; entre adolescentes de 15 a 17 anos, 14,8% não estudam e pouco mais da metade (50,9%) está no nível adequado para a sua idade: o ensino médio.⁵

Gravidez

Em 2008, entre as meninas de 10 a 17 anos sem filhos, 6,1% não estudavam. Essa proporção chegava a 75,7%, entre as que já eram mães.⁶ Em 2009, 43,5% das adolescentes grávidas de 12 a 17 anos tiveram menos de sete consultas pré-natais.⁷

Exploração do trabalho

No Nordeste, o número de adolescentes de 14 e 15 anos que trabalham subiu em 4,7% de 2008 para 2009. Os meninos continuam sendo maioria entre os trabalhadores de 5 a 17 anos, e representam mais da metade do total (2,7 milhões).⁸

Violência sexual

80% das denúncias de exploração sexual, feitas no primeiro semestre de 2010 por meio do disque-denúncia, referiam-se a crianças e adolescentes do sexo feminino.⁹

Chefia de família O número de lares chefiados por crianças e adolescentes de 10 a 19 anos mais que dobrou em uma década. O Brasil tem 132 mil domicílios onde meninos e meninas de 10 e 14 anos são os principais responsáveis pela casa, e outros 661 mil lares chefiados por adolescentes e jovens com idades entre 15 e 19 anos.¹⁰

Raça e etnia

O risco de um adolescente negro, com idade entre 12 e 18 anos, ser vítima de homicídio é 3,7 vezes maior em comparação com os adolescentes brancos.¹¹

Ser menino ou menina

Dos 500 mil adolescentes analfabetos no Brasil, os meninos representam 68,4%.¹² Já as adolescentes mulheres entre 13 e 19 anos representam a maior parte dos registros de infecção pelo HIV. Para cada oito casos em meninos, existem dez em meninas.¹³

Região onde vive

No Semiárido brasileiro, o índice de distorção idade-série é de 47,4% no ensino médio, quando a média nacional é de 35,9%.¹⁴ Na Amazônia, 56,9% dos adolescentes de 12 a 17 anos são pobres, quando na média nacional, essa taxa é de 38%.¹⁵ E nos grandes centros urbanos, como no município de São Paulo, por exemplo, a média de homicídio de adolescentes (10 a 19 anos) é de 10,7/100 mil. Na região da subprefeitura Ermelino Matarazzo, um bairro onde 18% da população vive em favelas, o índice é praticamente o triplo: 28,3/100 mil.¹⁶

Diante disso, o que fazer?

Encarar de frente esses e outros desafios do Brasil é o primeiro passo para superar as desigualdades sociais e vulnerabilidades que afetam os adolescentes e compreender a importância de apoiá-los em seu processo de desenvolvimento. Nos caminhos rumo à realização plena dos seus direitos, adquirir as competências descritas neste material pode ser a chave da mudança para a construção da cidadania durante a adolescência e toda a vida.

Teste Relâmpago

Quem sou eu?



Você:

- Está se sentindo desafiado pelas escolhas que deve fazer, como, por exemplo, que rumo profissional seguir?
- Se sente velho demais para ser tratado como criança, mas novo demais para assumir responsabilidades de adultos?
- Tem sede de vivenciar tudo ao mesmo tempo?
- Está louco de vontade de ser livre, mas ainda planejando a melhor estratégia para conquistar autonomia?
- Não tem mais certeza de quem é, mas tem certeza que quer ser diferente de quem já foi?
- Começou a duvidar do que tinha certeza?
- Está planejando ou já formou uma banda ou um grupo de teatro?
- Mudou radicalmente de ídolos nos últimos dois anos?
- Percebeu mudanças recentes em seu corpo?

Resposta: Se você respondeu sim a cinco ou mais das perguntas acima, você está vivenciando a adolescência plena! Parabéns! Fácil não é, mas a delícia desta fase é a possibilidade de aprender a trilhar o seu caminho rumo à autonomia, construindo seu projeto de vida com base nas escolhas, oportunidades e direitos assegurados por lei.

Quem são os adolescentes ?

A palavra "**Adolescentia**" tem duas origens em latim:

Uma poderia ser entendida como "pessoas aptas a crescer". "Ad" significa "a, para". E "Olescer" é crescer. Adolescentes seriam, portanto, os que estão vivenciando esse processo de crescimento.

Adolescência também deriva do termo "adolescere", que significa adoecer, enfermar, o que remete às transformações biológicas, mentais e emocionais que caracterizam essa etapa da vida.

No Brasil, adolescentes são pessoas de 12 a 18 anos incompletos, que estão vivendo uma fase única de desenvolvimento físico, psíquico, social e intelectual.

Físico – o hipotálamo, pequena região do cérebro do tamanho de uma castanha, começa a produzir substâncias que ativam a hipófise, que por sua vez envia hormônios estimulantes aos ovários da mulher e aos testículos do homem, iniciando a produção e liberação dos óvulos e espermatozoides. Esses hormônios invadem a vida e o corpo dos adolescentes, que se transforma por dentro e por fora. É a puberdade.

Psíquico – é hora de repensar e redefinir quem sou eu, qual meu papel no mundo e quem integra meu mundo. Como parte do processo de construção de sua identidade, é nesta fase que se costuma definir a orientação sexual, se questionar os valores que até então regiam a sua vida, buscando separar os elementos que fazem parte de sua personalidade da influência da família, da escola e da religião. A relação com novos grupos, fontes de ideias e valores podem mudar sua visão de mundo e a maneira como se relaciona com ele.

Social – é um período propício para conhecer pessoas fora do círculo familiar e aprender com as novas relações de amizade e namoro, a partir da troca de ideias, experiências e afeto. Inicia-se um processo de tomada de consciência sobre o impacto de suas ações na coletividade e sobre a maneira como estamos interconectados com outras pessoas, outros povos e com a natureza.

Intelectual – o adolescente começa a construir ideias, conceitos, refletir, distanciar-se do concreto em direção ao abstrato. É como se as concepções já dadas por seu meio social não fossem suficientes, há necessidade de construir suas próprias concepções das coisas. O mesmo conhecimento passa a ser visto de diferentes perspectivas, o que ajuda a construir novas percepções. E começa a raciocinar não só sobre o que acontece de fato no mundo, mas também sobre o que é possível começar a acontecer. Esta capacidade de raciocinar de forma estruturada é muito propícia para elaborar projetos de vida, fazer escolhas e transformar a realidade em que vivemos.

Discutindo o que é a adolescência

Quando definimos a adolescência como isto ou aquilo, estamos interpretando e criando categorias a partir de realidades sociais. Estas significações serão referências para a constituição dos sujeitos. Os adolescentes se vêem e se reconhecem a partir de como são vistos na sociedade.

Em nossa sociedade, todos os jovens passam pela adolescência?

Sim e não.

– Não, porque na visão sócio-histórica nada acontece obrigatoriamente. Isto seria naturalizar o fenômeno. A adolescência acontecerá quando as condições sociais para o seu surgimento estiverem dadas.

– Sim, mas não obrigatoriamente. Os meios de comunicação, em nossa sociedade, espalham o modelo de adolescência dominante, como um fenômeno típico de jovens de classe alta, que acaba tornando-se um modelo a ser seguido. Mas será que todos os meninos e meninas do Brasil, considerando toda a sua diversidade regional e cultural, vivenciam a adolescência da mesma maneira?

É na contradição entre a vivência das necessidades dos jovens e suas condições pessoais e as possibilidades sociais de satisfação dessas necessidades, que se constrói o que significa a adolescência na sociedade atual. É fundamental não limitar a compreensão da adolescência, como se somente as mudanças fisiológicas comandassem esse momento da vida. O adolescente é um sujeito de desejo que busca seu lugar no mundo. Este lugar vai muito além da ideia de que “todo adolescente é assim”. Como foi construída a ideia de adolescência hoje? Seria possível construir novos discursos sobre a adolescência junto com os adolescentes?

A tríade adolescente

Dos processos de desenvolvimento da adolescência, três são muito marcantes:

A formação da identidade – “Quem sou eu”. O corpo já não é mais de criança. O papel que exerce em casa e na sociedade em geral também já não é mais o mesmo. Consequentemente, a relação com os pais e responsáveis também tem de mudar. A antiga identidade infantil morre para dar espaço a um novo papel. Os pais e responsáveis também precisam se adaptar e aprender a lidar com alguém que agora é adolescente, sem deixar de oferecer apoio e proteção para seu desenvolvimento.

A interatividade – Em busca por sua nova identidade, ser reconhecido como parte de um grupo pode oferecer muita segurança e reconhecimento pessoal e dar a sensação de que um integrante tem a força de todos. O adolescente tem grande habilidade agregadora, sabe juntar outros adolescentes em torno de sua ideia. O grupo depende da adesão do indivíduo assim como o indivíduo depende do grupo, o que faz com que a separação desses dois elementos seja quase impossível. Por isso, os grupos podem parecer mais importantes que a família ou substituir a importância que a família tinha na infância. O adolescente pode circular por diferentes grupos e experimentar diferentes ideologias, comportamentos, gostos, gírias e vestuários.

A construção da autonomia – O planejamento de seu projeto de vida começa a ganhar forma, conforme os adolescentes identificam suas vontades, sua vocação, reconhecem e aproveitam espaços e pessoas que os apoiem neste processo em busca da liberdade com responsabilidade. A autonomia começa a ser construída. Buscar formas de “se virar”, inclusive financeiramente, passa a ter grande valor nesta fase.

Para viver esta fase única de desenvolvimento, os adolescentes necessitam de:

Proteção

Apoio

Estímulo

Na prática, isso se traduz na **REALIZAÇÃO DE DIREITOS**.

Realizar direitos significa :

1º . Que estes direitos existam, ou seja, que estejam **GARANTIDOS** por lei.

2º . Que a ideia que os adolescentes têm direitos seja conhecida e aceita na sociedade. Para isso, os direitos devem ser também **PROMOVIDOS**.

3º . Os direitos precisam estar também **PROTEGIDOS** por meio de políticas públicas implementadas por governos.

4º . Caso sejam violados, os direitos deverão ser também **DEFENDIDOS**, por meio da justiça.

Só assim os direitos serão, então, **REALIZADOS**.

O Brasil conta não só com uma lei que garante os direitos aos adolescentes, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como com um Sistema de Garantia de Direitos, estabelecido por esta mesma lei. Esse sistema define quem são os atores responsáveis pela garantia, proteção, promoção e defesa dos direitos.

Parte II :

Orientações gerais para
o uso do material

Competências para a vida

O direito de ser adolescente não acontece por acaso, de forma natural. Ele tem de ser conquistado. Isso acontece por meio do esforço de muita gente, inclusive dos próprios adolescentes. A ideia é formar uma rede de apoio para seu desenvolvimento integral. Além dos aspectos físicos, psíquicos, sociais e intelectuais que marcam esse período de crescimento, o adolescente também desenvolve a capacidade de perceber o outro, refletir sobre os passos mais importantes para a coletividade e tomar decisões. Esse direito de compreender e opinar em processos de decisão que afetam a sua vida é chamado de participação cidadã ou simplesmente cidadania.

O pleno direito de ser adolescente com cidadania torna-se mais viável quando meninos e meninas desenvolvem uma série de competências descritas nas fichas deste material, que podem fazer a diferença durante a adolescência e toda a vida.

Com essas competências na mochila, os adolescentes podem trilhar os caminhos da cidadania de forma mais segura, cientes de seus direitos e responsabilidades e com apoio de uma rede de atores responsáveis por ajudá-los na construção de sua identidade, na conquista de sua autonomia e no seu processo de interação com outros adolescentes, crianças e adultos de referência em suas vidas.

Lista sempre em construção

As competências descritas nas fichas que compõem este material não têm a pretensão de criar um conteúdo fechado, mas iniciar o debate sobre temas essenciais de interesse dos adolescentes dentro de uma abordagem multidisciplinar. Pode ser que os adolescentes apresentem a necessidade de trabalhar outras competências que não estão listadas neste material, ligadas ao desenvolvimento afetivo, espiritual e cultural. É fundamental estar atento para continuar complementando esta lista, sempre com respeito a escolhas individuais ou do grupo social, cultural ou religioso de que o adolescente faz ou quer fazer parte.

Temas organizados em categorias

Não há certo ou errado na maneira como os temas serão trabalhados ou classificados, mas este material propõe, como sugestão, algumas categorias que podem ajudar a organizar o pensamento sobre os temas abordados nas fichas. Ao propor categorias, a ideia não é engessar o conhecimento, já que estes temas devem ser trabalhados com total flexibilidade. Outras categorias podem surgir do debate ou ainda o grupo pode chegar a conclusão que determinado tema deve fazer parte de uma categoria diferente da sugerida. O que importa é perceber que as competências dos adolescentes estão intrinsecamente ligadas a outros processos de desenvolvimento, educação e direitos.

As categorias sugeridas neste material são:

Os 3 processos de desenvolvimento marcantes na adolescência:

Formação da identidade,

Interatividade,

Construção da autonomia.

(mais informações na **Parte I** deste material)

Os 4 pilares da educação no século XXI:

Divulgados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, estas quatro aprendizagens fundamentais são os pilares do conhecimento e, portanto, devem ser desenvolvidas pela prática pedagógica. Elas estão totalmente interligadas na formação holística do indivíduo. Na chamada Sociedade do Conhecimento, deve-se estar aberto para estas aprendizagens durante toda a vida.

Aprender a conhecer – Indica o interesse, a abertura para o conhecimento, que verdadeiramente liberta da ignorância. É preciso pensar o novo, reconstruir o velho e reinventar o pensar. E tornar prazeroso o processo de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento sempre.

Aprender a fazer – Mostra a coragem de executar, de correr riscos, de errar sem medo, mesmo tentando acertar. Várias profissões estão se transformando por conta das novas tecnologias e novas relações de trabalho. Não basta, portanto, aprender de uma só vez um conhecimento técnico. É preciso estar aberto para reelaborar sempre, trocar e valorizar o espírito cooperativo do trabalho em equipe.

Aprender a conviver – Aprende-se a lidar com o desafio da convivência, com respeito a todos, exercitando a fraternidade como caminho do entendimento. Quem aprende a viver com outras pessoas e percebe que somos interdependentes uns dos outros, procura administrar os conflitos e ter prazer no esforço de projetos comuns.

Aprender a ser – Esclarece qual o papel do cidadão e o objetivo de viver. Desenvolve sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e crescimento integral da pessoa em relação à inteligência. A aprendizagem precisa ser integral, considerando todas as potencialidades do indivíduo.

Os 3 tipos de competência:

1. Conhecimentos: informações adquiridas por estudo ou vivência. Esse grupo reúne as competências relacionadas ao Aprender a Conhecer (ou Aprender);

2. Habilidades: capacidade de realizar tarefas de forma organizada e eficiente. Esse grupo inclui as competências relacionadas a Aprender a Fazer (ou Saber Fazer);

3. Atitudes: comportamento que envolve personalidade, motivado pelo querer, gerando uma ação. Esse grupo agrega as competências relacionadas a Aprender a Ser e Aprender a Conviver (ou Querer Fazer e Como Fazer).

Os 5 Direitos das crianças e adolescentes:

Estes são os direitos priorizados no programa do UNICEF no Brasil:

O Direito de Sobreviver e se desenvolver;

O Direito de Aprender;

O Direito de Crescer sem violência;

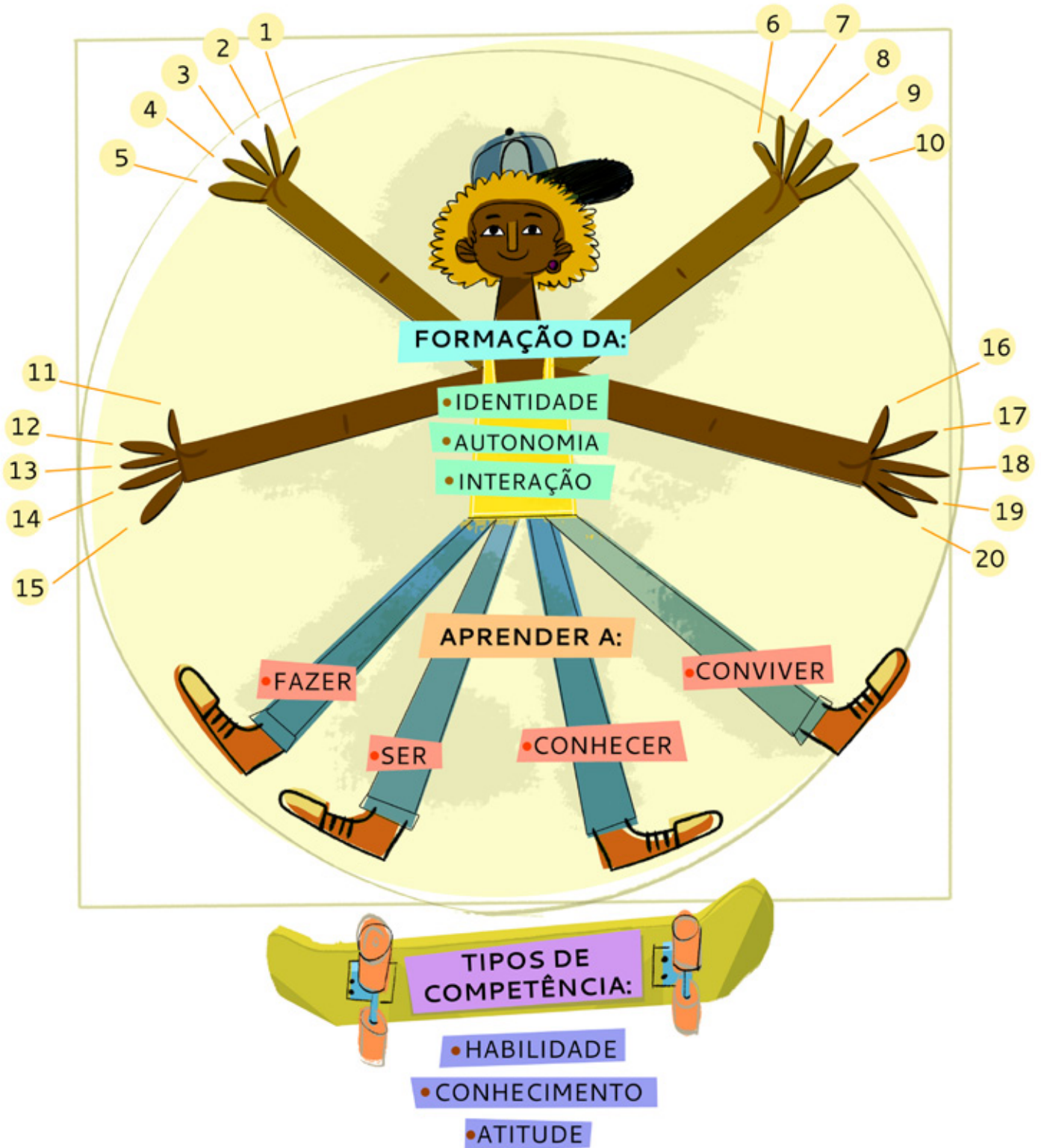
O Direito de Proteger(-se) do HIV/aids;

E o Direito de Ser Adolescente.

Conexão temática

Como a proposta é que as competências se complementem, seus temas estão intrinsecamente conectados. Ao trabalhar uma ficha, portanto, pode surgir a necessidade de se aprofundar em determinado assunto, que está mais presente em outra ficha. Assim, o tema de uma ficha pode “chamar” a outra, pois tratam de temas associados. Não há uma ordem correta para o uso das fichas, pois um ou outro tema depende do interesse e da necessidade do grupo.

Matriz das Competências



COMPETÊNCIAS PARA A VIDA:

1. Competência: Desenvolver o autoconhecimento, a autoestima e a autoconfiança

Direito: Sobreviver e se desenvolver

Categoria: Atitude

Pilares da Educação: Aprender a Ser

Desenvolve: Identidade

2. Competência: Conhecer e reivindicar seus direitos e assumir responsabilidades

Direito: Ser Adolescente

Categoria: Habilidade

Pilares da Educação: Aprender a Fazer

Desenvolve: Autonomia

3. Competência: Aprender os conteúdos acadêmicos

Direito: Aprender

Categoria: Conhecimento

Pilares da Educação: Aprender a Aprender

Desenvolve: Autonomia

4. Competência: Participar de processos decisórios na esfera social e política

Direito: Ser Adolescente

Categoria: Habilidade

Pilares da Educação: Aprender a Fazer

Desenvolve: Autonomia

5. Competência: Buscar proteção quando ameaçados

Direito: Crescer sem violência

Categoria: Atitude

Pilares da Educação: Aprender a Conviver

Desenvolve: Autonomia

6. Competência: Adotar atitude saudável pela prática de esportes

Direito: Direito de Sobreviver e se Desenvolver

Categoria: Atitude

Pilares da Educação: Aprender a Ser

Desenvolve: Identidade

7. Competência: Desenvolver o pensamento analítico

Direito: Aprender

Categoria: Conhecimento

Pilares da Educação: Aprender a Aprender

Desenvolve: Autonomia

8. Competência: Saber prevenir-se das doenças em geral e proteger os outros e a si mesmo das DST e do HIV/aids

Direito: Proteger (-se) do HIV/aids

Categoria: Atitude

Pilares da Educação: Aprender a Conviver

Desenvolve: Interação e Autonomia

9. Competência: Desenvolver preferências estéticas e sensibilidade cultural e artística

Direito: Aprender

Categoria: Conhecimento

Pilares da Educação: Aprender a Aprender

Desenvolve: Identidade

10. Competência: Adotar atitude ambiental responsável

Direito: Aprender

Categoria: Conhecimento

Pilares da Educação: Aprender a Fazer

Desenvolve: Identidade

11. Competência: Desenvolver seus talentos e adquirir aptidões profissionais

Direito: Aprender

Categoria: Conhecimento

Pilares da Educação: Aprender a Fazer

Desenvolve: Autonomia

12. Competência: Adotar atitude financeira responsável

Direito: Aprender

Categoria: Atitude

Pilares da Educação: Aprender a Aprender

Desenvolve: Autonomia

13. Competência: Gerenciar conflitos de forma saudável e positiva, inclusive conflitos intergeracionais

Direito: Crescer sem violência

Categoria: Atitude

Pilares da Educação: Aprender a Conviver

Desenvolve: Interação

14. Competência: Mediar e negociar

Direito: Crescer sem violência

Categoria: Atitude

Pilares da Educação: Aprender a Conviver

Desenvolve: Interação

15. Competência: Estabelecer relações interpessoais, afetivas e sustentáveis no âmbito da família e da comunidade

Direito: Crescer sem violência

Categoria: Atitude

Pilares da Educação: Aprender a Conviver

Desenvolve: Interação

16. Competência: Adotar atitude de respeito à diversidade

Direito: Crescer sem violência

Categoria: Atitude

Pilares da Educação: Aprender a Conviver

Desenvolve: Interação

17. Competência: Utilizar novas tecnologias da informação e comunicação e ter uma visão crítica da mídia

Direito: Ser Adolescente

Categoria: Habilidade

Pilares da Educação: Aprender a Fazer

Desenvolve: Identidade e Interatividade

18. Competência: Desenvolver a comunicação interpessoal

Direito: Ser Adolescente

Categoria: Habilidade

Pilares da Educação: Aprender a Fazer

Desenvolve: Interatividade

19. Competência: Identificar quando os outros precisam de ajuda e adotar atitude de solidariedade.

Direito: Ser Adolescente

Categoria: Habilidade

Pilares da Educação: Aprender a Conviver

Desenvolve: Interatividade

20. Competência: Defender a ética, o respeito às coisas públicas e os mecanismos de controle social.

Direito: Ser Adolescente

Categoria: Habilidade

Pilares da Educação: Aprender a Conviver

Desenvolve: Interatividade

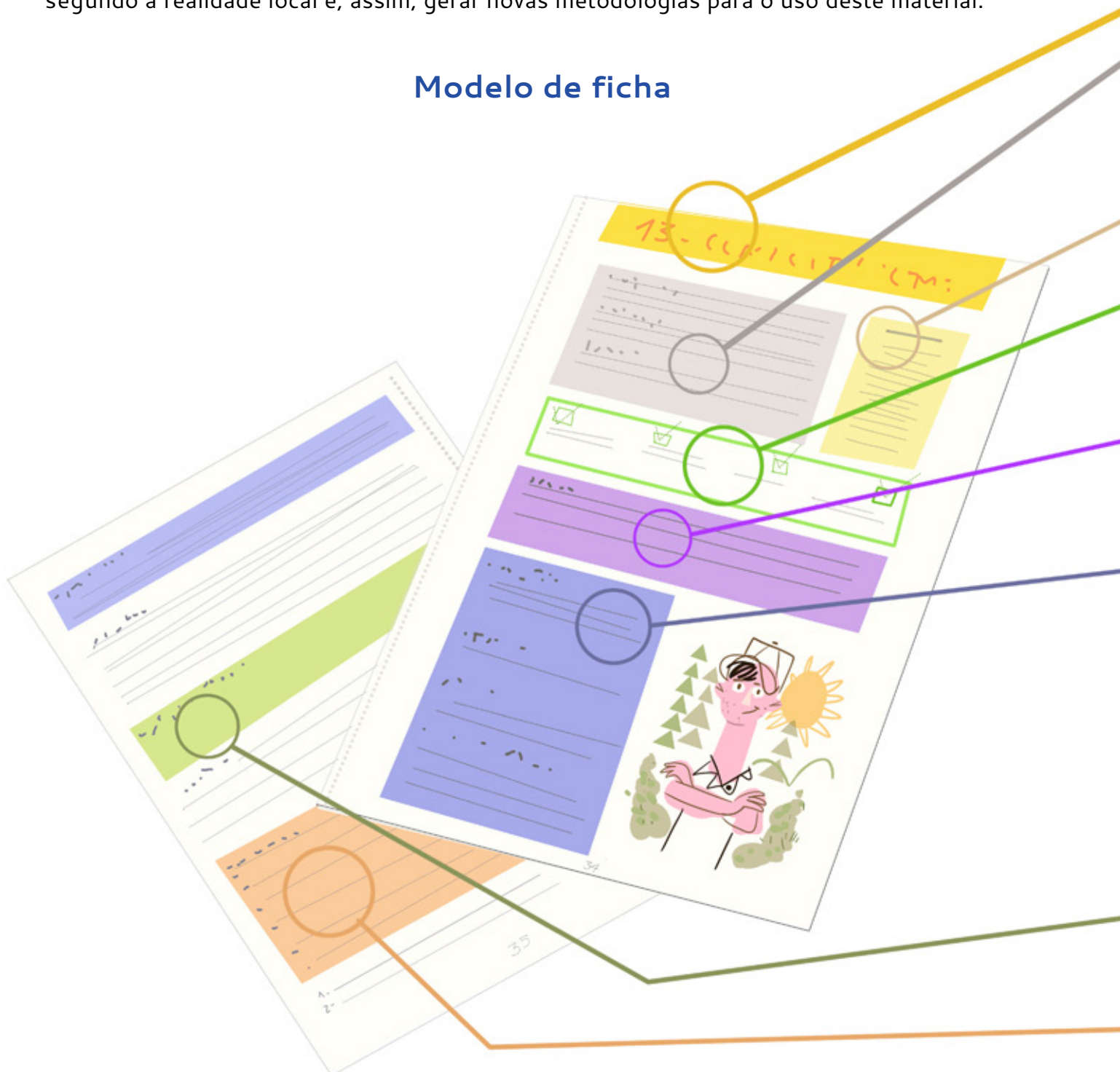
Objetivo das fichas

O objetivo deste material é que os parceiros do UNICEF e os próprios adolescentes se apropriem do conteúdo disponível nas fichas anexas. Espera-se que os adolescentes fiquem mais cientes das vulnerabilidades que enfrentam e adquiram mais informações e ferramentas para superar essas barreiras, conquistar o direito de desenvolver suas potencialidades e exercer sua cidadania. O conteúdo relacionado a cada competência foi sistematizado em um formato de fichas apresentada a seguir.

Como fazer:

O conteúdo da ficha pode ser trabalhado em diversas atividades, dependendo da criatividade do facilitador, do interesse dos adolescentes e do tipo de material, tempo e recursos disponíveis. Algumas atividades aqui sugeridas podem ser adaptadas ou modificadas, segundo a realidade local e, assim, gerar novas metodologias para o uso deste material.

Modelo de ficha



Ficha X (número da ficha): Título da competência

APRESENTAÇÃO

O que é – Título da competência

Descrição/Objetivo – Definição da competência e sua contribuição para o desenvolvimento dos adolescentes.

Constatação – Exemplo que ajuda a entender como é importante desenvolver tal competência.

MARCO LEGAL

Tá na lei:

Trechos de documentos legais que asseguram o direito do adolescente desenvolver a competência.

CLASSIFICAÇÃO

Categoria:

- Conhecimento
- Habilidade
- Atitude

Direito:

- Sobreviver e se desenvolver
- Aprender
- Crescer sem violência
- Proteger(-se) do HIV/aids
- Ser adolescente

Aprendo a:

- Aprender
- Fazer
- Conviver
- Ser

E desenvolvo:

- Identidade
- Interação
- Autonomia

VERIFICAÇÃO

Como saber – Levantamento ou detalhamento de aspectos que ajudam o adolescente a verificar se já domina a competência.

COMO CONSEGUIR

Como desenvolver – Dicas do que fazer para adquirir a competência.

Com quem contar – Papel da escola, família, comunidade ou outras instituições ou pessoas que podem ajudar a desenvolver a competência.

NA PRÁTICA

História de vida – Breve história fictícia que ilustra como o adolescente usou a competência para resolver uma questão prática em sua vida.

Contexto – Em que circunstâncias utiliza-se a competência.

PESQUISA

Para saber mais – Dicas de livros, filmes, sites e outros materiais.

Dicas Práticas

Seja qual for a atividade elaborada para trabalhar as competências, é importante lembrar:

- Pré-verificação e Pós-verificação feitas por meio de pesquisas ajudam a medir o impacto da estratégia na vida e no conhecimento dos adolescentes participantes.
- É fundamental valorizar a vivência e o conhecimento já trazidos pelos adolescentes, seja na área de música, comunicação, seja com relação à família ou por uma atividade desenvolvida na escola. Reconhecer e valorizar sua experiência é o ponto de partida para um aprendizado fundamentado na participação, capaz de potencializar as três características da adolescência aqui apontadas: interação, conquista da autonomia e construção da sua identidade.
- Da mesma maneira, é preciso valorizar a experiência dos facilitadores (sejam eles adolescentes, jovens ou adultos), dos educadores e das instituições onde as atividades acontecem.
- Provavelmente, as competências aqui apresentadas já são abordadas em outras ações de formação de adolescentes, talvez com outros nomes. É importante reconhecê-las para que o material contribua para as atividades já iniciadas e vice-versa.
- Uma dinâmica de aquecimento “quebra-gelo” pode levar os participantes a apontar de maneira espontânea quais consideram ser as principais competências para seu desenvolvimento. Mesmo que apareçam com outros nomes, essas ideias podem ser agrupadas e associadas à lista de competências aqui proposta.
- A proposta trazida por este material é que as fichas ajudem a conduzir o debate e o questionamento entre os adolescentes, facilitando a construção de novos conhecimentos, que por sua vez gerem mais ações para o seu desenvolvimento. Invés de buscar respostas certas ou erradas, a proposta é estimular a reflexão de forma participativa.
- Avaliar e celebrar a atividade realizada é muito importante para reconhecer o caminho trilhado, aprimorar a metodologia e a condução das atividades. Há diferentes formas de avaliação e celebração, em grupo ou individuais. Algumas avaliações simples consistem em pedir para que os participantes escrevam o que aprenderam, o que faltou e o que poderia melhorar na atividade; ou ainda que digam ou representem com um desenho o seu sentimento sobre a oficina. Seja qual for o formato escolhido, é importante incluir na etapa final de cada oficina um momento em que os participantes compartilhem o que aprenderam, o que gostaram ou não e o que fariam diferente.
- Atividades cooperativas costumam ser mais eficientes para conseguir a adesão dos participantes do que atividades competitivas;
- Explorar atividades que mobilizem os participantes, como produtos de comunicação e arte.

“Não existem pessoas sem conhecimento. Elas não chegam vazias. Chegam cheias de coisas. Na maioria dos casos, trazem junto consigo opiniões sobre o mundo, sobre a vida”.

Paulo Freire

Sugestões de atividades:

- 1.** Apresentar o conjunto de competências e explicar como elas estão relacionadas com o desenvolvimento integral dos adolescentes.
- 2.** Dinâmica do CraCHA (Conhecimentos, Habilidades e Atitudes)
O adolescente se apresenta para o grupo fazendo o seu próprio crachá com um desenho que o represente e as competências que reconhece em si mesmo.
- 3.** Trabalho em grupos com fichas de competências (6 grupos de 5 adolescentes para discutir cada ficha). Gerar debates e propor que cada item da ficha seja preenchido com informações pessoais ou do grupo, adaptando-os para o contexto e as necessidades dos participantes.
- 4.** Preparação de uma peça de comunicação para mobilização social sobre a competência trabalhada pelo grupo (jornal mural, programa de rádio, radionovela, etc). Plenária para apresentação dos trabalhos em grupo (peças de comunicação).

Papel do facilitador:

O(s) facilitador(es) das oficinas podem ser educadores mais experiente ou outros adolescentes. Facilitar um grupo é ajudar os participantes para que completem as tarefas a que se propuseram.

As funções do facilitador são:

- Criar e gerenciar um processo que ajude o grupo a cumprir com suas tarefas minimizando problemas.
- Construir um senso de comunidade por meio de uma atmosfera de aprendizagem não-competitiva, em que os participantes sintam-se seguros e demonstrem respeito uns pelos outros.
- Dar o exemplo de atitude positiva e expressar empatia junto aos participantes.
- Estar atento para as diferenças culturais e pessoais dos participantes e respeitar a diversidade.
- Contribuir para a autoconfiança dos participantes, incentivando-os a terem hábitos positivos em sua comunidade.
- Incentivar o crescimento/desenvolvimento dos participantes durante a oficina, reconhecendo seu progresso.
- Fomentar a livre escolha e a capacidade dos adolescentes experimentarem e expressarem novas idéias sem julgamento, mas com atenção e atitude pedagógica.
- Empoderar os adolescentes para que tornem-se cada vez mais independentes, resolvendo problemas com responsabilidade.
- Alimentar a motivação dos participantes e incentivá-los a serem responsáveis por seu processo de aprendizagem.
- Incentivar os participantes a compartilharem experiências pessoais desde que agreguem ao debate e/ou reflexão do grupo.
- Manter confidencialidade sobre informações pessoais compartilhadas pelos participantes.
- Propor a criação de normas básicas a serem seguidas pelo grupo, que podem incluir aspectos como: pontualidade, participação, não uso ou uso limitado de telefones celulares, entre outras normas sugeridas pelos participantes.

Papel dos Participantes:

- Demonstrar senso de comunidade ao engajar-se em debates e tarefas coletivas junto ao grupo.
- Adotar comportamento positivo e respeitoso junto aos outros participantes e ao facilitador.
- Estar presente nas oficinas e efetivamente participar das atividades.
- Compartilhar experiências pessoais desde que elas contribuam para o debate do grupo.
- Manter confidencialidade, o que significa que as informações compartilhadas nas oficinas devem ser mantidas no grupo.
- Procurar aplicar as competências adquiridas ao longo das oficinas em sua vida prática e, assim, tornar-se agente de transformação em sua família, escola e comunidade.

Rodas já inventadas e testadas:

Uma série de metodologias de trabalho com adolescentes vêm sendo desenvolvidas por organizações parceiras do UNICEF. O registro dessas atividades podem servir de inspiração para um uso mais criativo das fichas que compõem este material. Algumas referências encontram-se na seção "Para saber mais" de cada ficha. Na versão online desta publicação, você encontra a lista completa das referências sugeridas em todas as fichas.

Para acessá-la, visite:

www.unicef.org.br

Referências:

- ¹ IBGE/Pnad, 2009
- ² IBGE/Pnad, 2009
- ³ IBGE/Pnad, 2009
- ⁴ Ministério da Saúde/SIM, 2009
- ⁵ IBGE/Pnad, 2009
- ⁶ FONTOURA, Natalia et PINHEIRO, Luana. Síndrome de Juno : gravidez, juventude e políticas públicas, in Juventude e Políticas Sociais no Brasil, CASTRO, AQUINO et ANDRADE. IPEA: Brasília, 2009
- ⁷ MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos – Sinasc; IBGE/Pnad, 2009
- ⁸ IBGE/Pnad, 2009
- ⁹ Secretaria de Direitos Humanos/Disque Denúncia Nacional, 2010
- ¹⁰ IBGE /Censo 2010
- ¹¹ Índice de Homicídios na Adolescência (IHA), 2009
- ¹² IBGE/Pnad, 2009
- ¹³ Ministério da Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites virais, 2011
- ¹⁴ MEC/Inep/Censo Escolar, 2010
- ¹⁵ IBGE/Pnad, 2009
- ¹⁶ Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo/Infocrim, 2008

Parte III :

Fichas

Ficha 1 : Desenvolver o autoconhecimento, a autoestima e a autoconfiança

O que é Desenvolver o autoconhecimento, a autoestima e a autoconfiança?

Definição/Objetivo: Autoconhecimento é o quanto você conhece sobre si mesmo, incluindo a parte física (seu corpo), intelectual (seus valores) e emocional (seus sentimentos). Autoestima é como se sente em relação a si mesmo, o quanto se aceita e gosta de você. Autoconfiança é o quanto acredita em si mesmo e sente-se capaz de atingir seus objetivos.

Constatação: Uma briga em família, o fim de um namoro, uma nota baixa ou uma crítica são situações que podem abalar seu equilíbrio emocional, gerar tristeza e decepção. Mas esses momentos representam uma oportunidade de aprender, crescer, amadurecer e seguir rumo aos seus objetivos, se você respeitar o seu jeito de ser e acreditar em si mesmo.

Tá na Lei

“É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor...”

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Art. 18

CATEGORIA:

✓ ATITUDE

DIREITO:

✓ SOBREVIVER E SE DESENVOLVER

APRENDO A:

✓ SER

E DESENVOLVO:

✓ IDENTIDADE

Como saber que tenho desenvolvido o autoconhecimento, a autoestima e a autoconfiança ?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Aceito o jeito como sou, defendo meu ponto de vista e assumo responsabilidades.
- Estou aberto para conhecer pessoas e vivenciar novas situações.
- Tenho objetivos na vida e procuro fazer o necessário para atingi-los.

Como desenvolver o autoconhecimento, a autoestima e a autoconfiança?

- Procure viver de acordo com seus próprios valores e crenças, não fale coisas negativas sobre você mesmo e procure se lembrar do que fez de positivo.
- Quando não souber como fazer algo, peça ajuda e aprenda com outras pessoas.
- Estabeleça metas e procure fazer o necessário para atingi-las.

Com quem contar para desenvolver o autoconhecimento, a autoestima e a autoconfiança?

Na família – Demonstre o quanto você admira as ações positivas de seus pais, irmãos e outros familiares e procure dizer o que pensa e sente, de maneira tranquila.

Na escola – Preste atenção no conteúdo apresentado e não tenha vergonha de fazer perguntas. Quando não souber fazer alguma tarefa por inteiro, faça o que der conta e procure ajuda com quem tem mais experiência para fazer o restante.

Na comunidade – Envolver-se em atividades comunitárias: esportes, atividades culturais e artísticas, mutirões e dê sua contribuição para melhorar o lugar onde mora.



História de vida:

Ricardo, 15, tinha mudado de escola e apesar de querer fazer amigos novos, tinha medo de não ser aceito na turma. Uma colega preparou um festão de 15 anos e o convidou. Ele estava louco para ir, era a chance de se enturmar, mas não tinha roupa adequada nem dinheiro para comprar. Isso o deixou inseguro. Deixaria de ir? Pagaria mico com roupa velha? Ricardo se abriu com um primo e durante a conversa se tocou que quem foi convidado foi ele, não as suas roupas! Ricardo foi um dos mais divertidos: dançou, contou histórias e voltou para casa cheio de novos amigos.

Você valoriza mais o comportamento das pessoas ou o jeito que elas aparentam ser? Você conhece pessoas que se tornam mais bonitas justamente por terem uma personalidade encantadora?

Contexto:

Conhecer, valorizar a si mesmo e confiar na sua capacidade são estratégias fundamentais para sentir-se bem, relacionar-se de forma positiva com outras pessoas e tomar decisões de forma segura e consciente sobre as questões da sua vida.

Perguntas para orientar o debate:

- Liste 5 coisas positivas e 5 negativas sobre você mesmo. Qual das duas listas é mais fácil de se completar? Como seria possível manter ou reconstruir sua autoimagem de uma maneira positiva?
- Quando você vai fazer algo pela primeira vez, você costuma visualizar seu sucesso ou seu fracasso antes de começar?
- Você costuma se comparar excessivamente com outras pessoas? Será que está medindo sua vida pelos valores dos outros ou já encontrou seus próprios valores?

Para saber mais:

- Oficinas de TV ajudam a resgatar a autoestima de adolescentes em conflito com a lei: <http://www.viablog.org.br/oficinas-de-tv-ajudam-a-resgatar-a-autoestima-de-adolescentes-em-conflito-com-a-lei/>
- Texto da psicóloga e psicoterapeuta Olga Tessari: "Como está a sua autoestima? O que fazer para que ela se mantenha alta?": <http://www.olgatessari.com/id32.htm>

Ficha 2 : Conhecer e reivindicar seus direitos e assumir responsabilidades

O que é Conhecer e reivindicar seus direitos e assumir responsabilidades?

Definição/Objetivo: É reconhecer que, por ser adolescente, você tem direitos e responsabilidades asseguradas pelo artigo 227 da Constituição Federal, detalhado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e fundamentado na Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), um documento internacional aprovado por 193 países.

Constatação: Os adolescentes brasileiros vivenciam desigualdades e vulnerabilidades como pobreza, violência, exploração sexual, baixa escolaridade, exploração do trabalho, gravidez, DST/aids, abuso de drogas e privação da convivência familiar e comunitária. O impacto desses elementos é ainda maior dependendo da identidade étnico-racial, de ser menino ou menina ou ter uma deficiência.

Tá na Lei

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar [à criança e ao adolescente], com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.”

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Art. 4

CATEGORIA:
✓ HABILIDADE

DIREITO:
✓ SER ADOLESCENTE

APRENDO A:
✓ FAZER

E DESENVOLVO:
✓ AUTONOMIA

Como saber que sei conhecer e reivindicar direitos e assumir responsabilidades?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Você sabia que têm o direito de ser adolescente?
- Você sabe quais os seus direitos e responsabilidades como adolescente, quem são os responsáveis por sua garantia e como mobilizá-los?
- Você sabe quais são os órgãos do Sistema de Garantia de Direitos e como entrar em contato com eles?

Como desenvolver a capacidade de conhecer e reivindicar direitos e assumir responsabilidades?

Pesquisar o conteúdo da CDC e do ECA, procurar os órgãos que compõem o Sistema de Garantia de Direitos em sua comunidade, engajar-se em projetos, campanhas, grupos, redes e movimentos que buscam melhorar a saúde, a educação, a cultura, o lazer e o esporte dos adolescentes são estratégias eficazes para conhecer seus direitos e suas responsabilidades como adolescente.

Com quem contar para conhecer e reivindicar direitos e assumir responsabilidades?

Na família – Na adolescência, novas regras são negociadas. Com respeito e diálogo, é possível conhecer as necessidades de cada um, estabelecer regras que funcionam para todos e conhecer novos direitos e responsabilidades fora de casa.

Na escola – Mesmo quando estão na escola, muitos adolescentes enfrentam problemas relacionados à qualidade da educação. É preciso reivindicar educação baseada em direitos, o que significa que os valores culturais, artísticos e históricos próprios do ambiente onde vive o adolescente devem ser respeitados.

Sistema de Garantia de Direitos – Atores governamentais e não-governamentais compõem o Sistema de Garantia de Direitos (SGD) da Criança e do Adolescente, responsável pela gestão dos direitos previstos na lei. É preciso conhecer esses atores e identificar canais de participação. Visitar o Conselho Tutelar de seu município pode ser o primeiro passo.

História de vida:

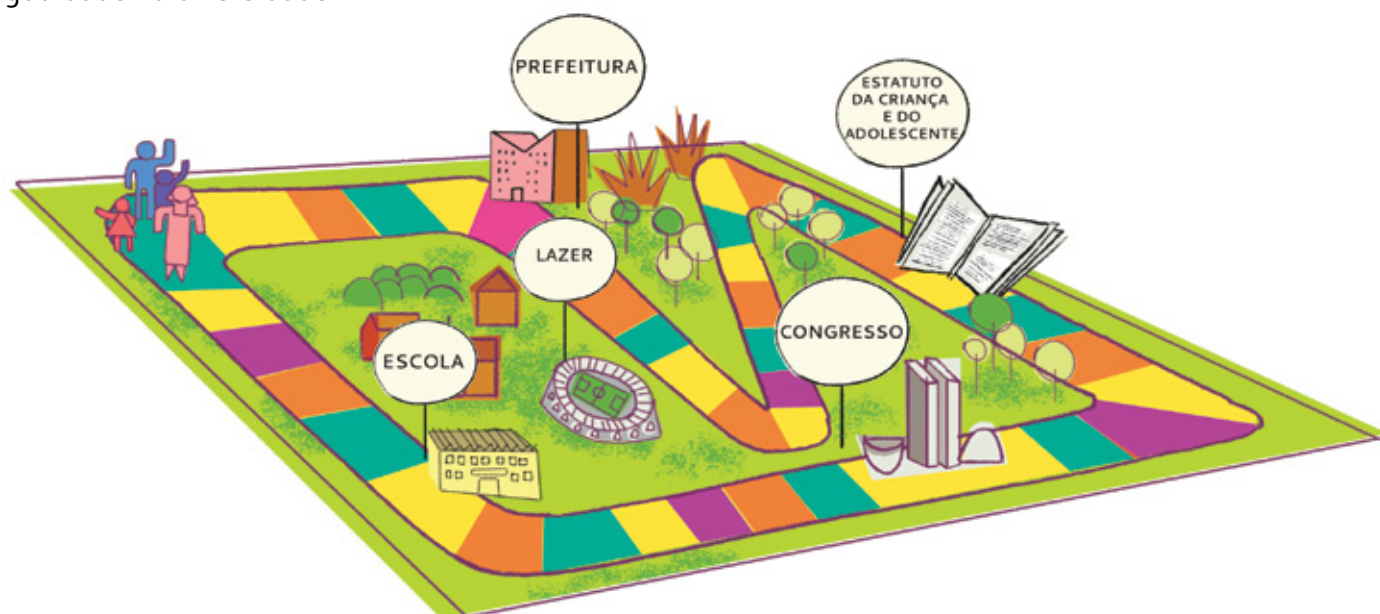
Desde os 7 anos, Daiana ajudava na feira e dividia o que ganhava em casa. Aos 13 anos, ela tinha muita responsabilidade e pouco tempo livre. Sua sorte foi não ter abandonado a escola. Mesmo cansada, Daiana continuava nas aulas. Um dia, a Conselheira Tutelar distribuiu uma cartilha sobre o Sistema de Garantia de Direitos em sua escola. Ela passou o recreio lendo e foi até o Conselho Tutelar para tirar dúvidas. O que fazer se a família não tinha renda suficiente? A conselheira orientou a sua mãe a se inscrever em um programa de assistência social que garantia o básico e oferecia cursos profissionalizantes aos pais. Ela conseguiu se dedicar mais aos estudos e iniciou uma atividade de arte-educação perto de casa.

Contexto:

O ECA define o direito à vida e à saúde; à liberdade, ao respeito e dignidade; à convivência familiar e comunitária; à educação, cultura, esporte e lazer; à profissionalização e proteção no trabalho. Esses direitos são como os dedos de uma mão. Cada um faz parte do todo e, juntos, eles funcionam de forma integrada. Todo direito tem em si um desejo para a sociedade. Para ser realizado, é preciso defendê-lo por meio da justiça. Para protegê-lo, são criadas políticas. E para garanti-lo são aprovadas as leis.

Perguntas para orientar o debate:

- Você sabe como exigir o uso dos recursos públicos para os direitos dos adolescentes?
- A educação é um direito poderoso para romper o ciclo de pobreza. O que fazer para que esse direito seja realizado?
- A Constituição diz que "todos são iguais perante a lei". Mas como fazer com que o Brasil alcance igualdade na diversidade?



Para saber mais:

- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm
- Convenção sobre os Direitos da Criança: <http://www2.mre.gov.br/dai/crianca.htm>
- Sobre os direitos dos adolescentes e situações de desigualdades e vulnerabilidades que enfrentam: Relatório Situação da Adolescência Brasileira 2011: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf
- Projeto "Onda: Adolescentes em Movimento pelos Direitos", que visa a formação de adolescentes em direitos humanos e orçamento público: <http://protagonismojuvenil.inesc.org.br/>
- Gibi Descolado: <http://www.promenino.org.br/Ferramentas/Conteudo/tabid/77/ConteudoId/9841cec1-1d95-40f3-a053-572558a94e78/Default.aspx>
- O trabalho legislativo em linguagem acessível: <http://www.plenarinho.gov.br/>

Ficha 3 : Aprender os conteúdos acadêmicos

O que é Aprender os conteúdos acadêmicos?

Definição/Objetivo: O adolescente tem o direito de aprender os conteúdos acadêmicos que contribuem para que atue como cidadão, com valores, ética, autonomia intelectual e pensamento crítico. Para ter esse conhecimento na idade adequada, deve ter acesso à escola desde os 4 anos de idade, passar para o ensino fundamental aos 6 e para o ensino médio aos 15 e permanecer assistindo às aulas até os 17 anos. Essa base é necessária para garantir o aprendizado na adolescência e continuar aprendendo em outras fases da vida.

Constatação: De acordo com as novas diretrizes curriculares do ensino médio, as matérias são divididas em quatro eixos:

1. Linguagens: língua portuguesa, língua materna (indígenas), língua estrangeira moderna, arte e educação física.
2. Matemática
3. Ciências da natureza: biologia, física e química
4. Ciências humanas: história, geografia, filosofia e sociologia

Tá na Lei

“Uma das finalidades do Ensino Médio é:

O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”

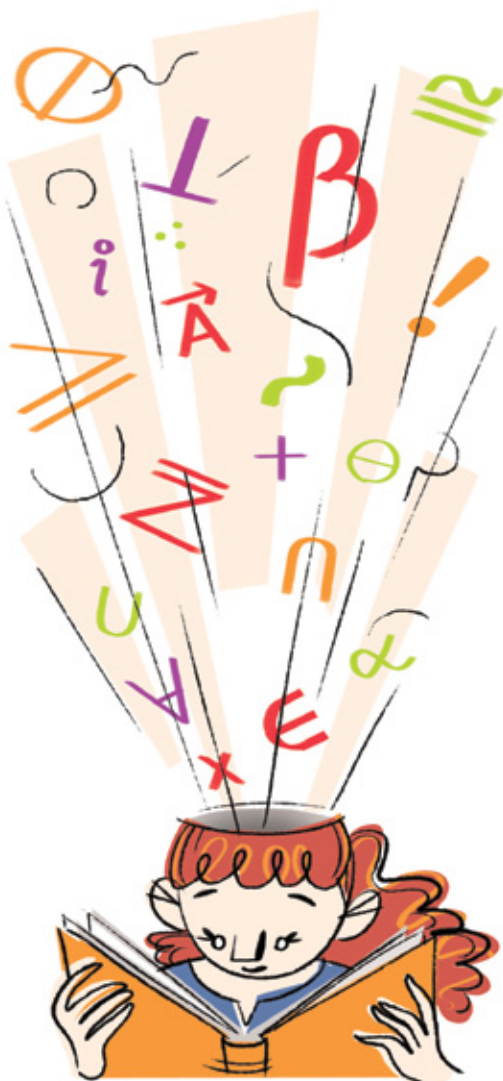
Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Art. 35

CATEGORIA:
✓ CONHECIMENTO

DIREITO:
✓ APRENDER

APRENDO A:
✓ APRENDER

E DESENVOLVO:
✓ AUTONOMIA



Como saber que tenho aprendido os conteúdos acadêmicos?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Estudo não só para passar na prova, mas para exercer minha cidadania com pensamento crítico.
- Quando o professor apresenta um novo conteúdo, me dá vontade de perguntar e aprender cada vez mais.
- Me interesso pelo conhecimento científico e tecnológico atual, mas também tenho curiosidade de saber como chegamos até aqui e como esse conhecimento está ligado ao mundo do trabalho e da cultura.

Como desenvolver a capacidade de aprender os conteúdos acadêmicos?

Para participar do cotidiano da escola, não basta frequentar as aulas, mas prestar atenção no conteúdo, trocar ideia com o professor, relacionar o que aprende com sua vida e reivindicar melhores condições escolares. É preciso compreender o projeto político-pedagógico e buscar maneiras de aprender. Se você encarar a escola como uma obrigação imposta aos estudantes, não há como desenvolver interesse pelo conteúdo.

Com quem contar para aprender os conteúdos acadêmicos?

Na família – A família pode participar ativamente da vida escolar de seus filhos por meio dos Conselhos Escolares. Você também pode aproveitar o conhecimento das pessoas que tenham experiência em assuntos do seu interesse.

Na escola – O engajamento dos estudantes no projeto político-pedagógico da escola é fundamental para aproveitar a flexibilidade da nova diretriz curricular do ensino médio. Sua turma pode solicitar aulas específicas sobre prevenção às DST/aids, aborto, orçamento, gravidez, entre outros assuntos. A participação no grêmio estudantil também é importante!

Na Comunidade – Desenvolver projetos comunitários, como pesquisas de campo e diagnósticos rápidos participativos.

História de vida:

Para compreender o impacto ambiental dos fogões a lenha nas casas da comunidade, Elisa, Jorge e Mateus, 15 anos, tiveram uma ideia: fazer uma pesquisa nas casas de sua comunidade que ainda tinham esse tipo de fogão, relacionando essa informação com a quantidade de doenças respiratórias da família. Para isso, contaram com a ajuda da professora de biologia e de um engenheiro agrônomo da comunidade.

Você já fez algo semelhante? Qual foi o resultado? Que conteúdo acha que seria possível transformar em pesquisa?

Contexto:

ENEM – Para avaliar o conhecimento adquirido até o último ano do ensino médio, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é aplicado em todo o Brasil e utilizado como parte do processo seletivo em mais de mil instituições de ensino superior públicas e privadas. O exame é composto de 180 questões de múltipla escolha sobre Português, Literatura, Matemática, Física, Química, Biologia, Geografia, História, Sociologia, Filosofia, Linguagem Estrangeira (Inglês ou Espanhol), além da redação.

Perguntas para orientar o debate:

- Quais os conteúdos que você tem mais facilidade para aprender? Quais as matérias que tem mais dificuldade? E como poderia fazer para superar essas dificuldades?
- Você participa só das aulas ou de outros projetos escolares? Quais? Como? Como ampliar essa participação?

Para saber mais:

– Sobre diretrizes curriculares do ensino médio:

<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2012/01/mec-publica-resolucao-com-diretrizes-curriculares-para-o-ensino-medio.html>

– Sobre a grade curricular do ensino médio (portal G1):

[://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/diretrizes-de-educacao-flexibilizam-definicao-de-grade.html](http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/diretrizes-de-educacao-flexibilizam-definicao-de-grade.html)

– Sobre o Enem:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13318&Itemid=310
ou <http://www.sitedoenem.org/>

– Sobre o Vestibular:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13036&Itemid=293

– Sobre os Conselhos Escolares:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12384:conselhos-escolares-apresentacao&catid=316:conselhos-escolares&Itemid=655

– Links para legislação referente à educação no Brasil:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes

Ficha 4 : Participar de processos decisórios na esfera social e política

O que é Participar de processos decisórios na esfera social e política?

Definição/Objetivo: É expressar sua opinião e, assim, implementar projetos pessoais, individuais ou coletivos, influenciar processos de decisão e de ação e realizar seu direito de ser adolescente.

Constatação: A participação fortalece sua voz junto às pessoas responsáveis por defender, promover e proteger seus direitos. Desde 2005, os adolescentes participam como delegados oficiais da Conferência dos Direitos da Criança, com direito a voz e voto e, assim, colocam em prática a sua participação cidadã.

Tá na Lei

Ficha 4: "O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: opinião e expressão; participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; participar da vida política, na forma da lei"

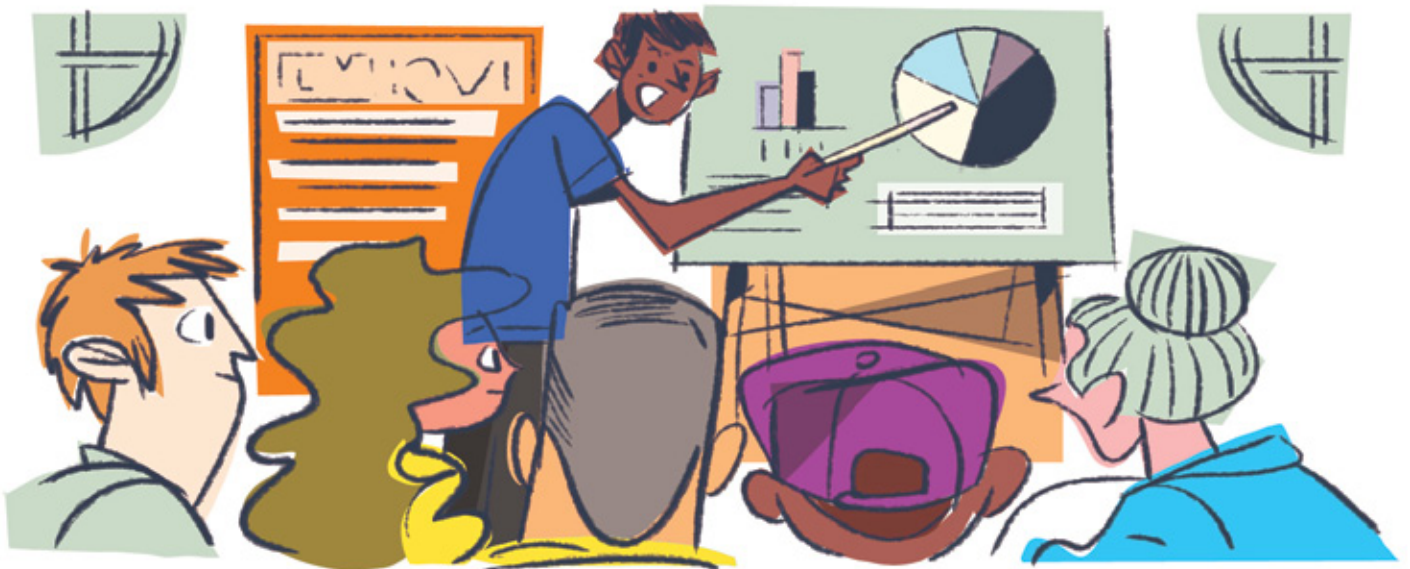
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Art. 16

CATEGORIA:
✓ HABILIDADE

DIREITO:
✓ SER ADOLESCENTE

APRENDO A:
✓ FAZER

E DESENVOLVO:
✓ AUTONOMIA



Como saber se tenho participado de processos decisórios na esfera social e política?

Confira se já pode responder "Sim" para as afirmações abaixo:

- Estou ligado se as decisões tomadas contemplam as necessidades dos mais diversos adolescentes, inclusive os que vivem com alguma deficiência.
- Sei que meus direitos não foram um presente, mas uma conquista e ainda dependem de mobilização para serem realizados e ampliados.
- Costumo manifestar minha opinião, sugerindo como melhorar os ambientes em que estou presente e respeito opiniões diferentes das minhas.

Como desenvolver a capacidade de participar de processos decisórios na esfera social e política?

- Procure identificar os temas que mais afetam a sua vida, quais os canais de discussão e decisão sobre eles e se esses locais contam com a participação de adolescentes.
- Procure identificar quem são as pessoas e instituições responsáveis por defender, promover e proteger seus direitos.
- Pergunte onde está o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA).

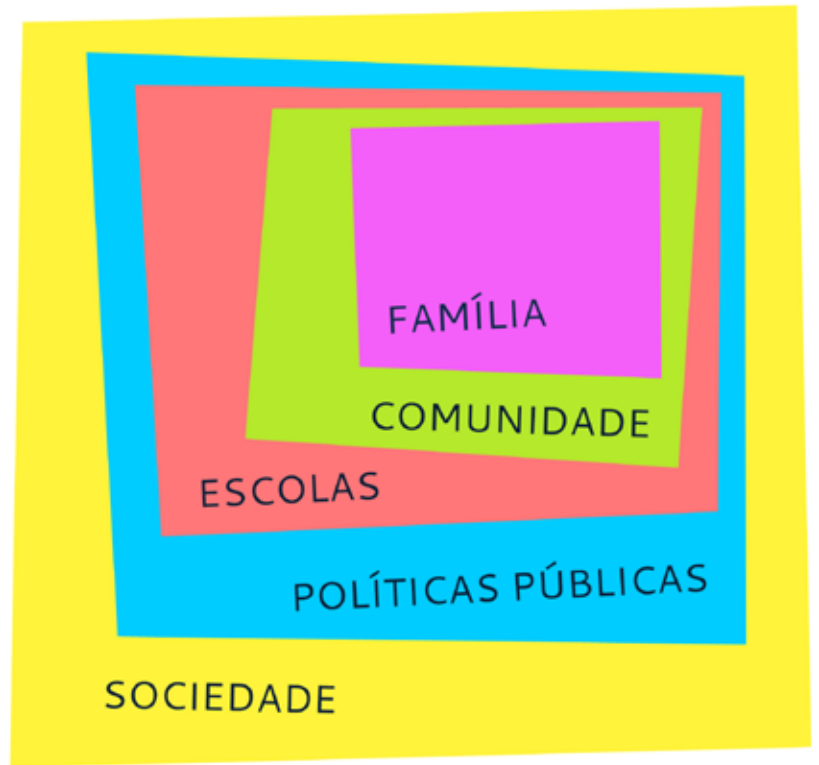
Com quem contar para participar de processos decisórios na esfera social e política?

Entre adolescentes – promover encontros para discutir temas importantes e integrar bandas de música, grupos de teatro, jornais comunitários e blogs são algumas maneiras de participar.

Na família – dialogar com seus pais, responsáveis e irmãos sobre questões domésticas e familiares para buscar soluções que sejam interessantes para toda a família.

Na escola – eleições para representante de turma, grêmios estudantis, atividades artísticas, jornais e rádios escolares são canais para discutir questões ligadas à vida dos estudantes, seus direitos e sua aprendizagem.

Na comunidade – associações de bairro, ONGs, grupos religiosos, projetos de comunicação comunitária podem ampliar os espaços de participação de adolescentes e incluir em sua agenda de atividades temas importantes para esse grupo.



Conselhos de Direito:

São responsáveis por sugerir, formular e fiscalizar políticas para que o município, o estado e o país garantam os direitos estabelecidos no ECA. Você conhece o conselho de sua cidade?

História de vida:

Rodrigo tinha facilidade para desenhar. Fazia caricaturas, ilustrava cadernos. Seus amigos já sabiam do talento e chamaram Rodrigo para grafitar a escola de madrugada. Ele ficou empolgado, mas pensou que se isso fosse feito às escondidas, sua intenção artística ia parecer vaidade ou vandalismo. Então, pediu um tempinho para negociar na escola e conseguiu apoio para promover um sábado cultural, aberto à comunidade. Tubos de spray, tintas e lanche foram providenciados por comerciantes locais. A escola mudou, ficou colorida e todo mundo se sentiu um pouco mais dono dela.

Quais as possíveis conseqüências se Rodrigo tivesse ingressado em uma madrugada de grafiteagem?

Contexto:

Campanhas, passeatas, eleições, grêmios estudantis, seminários, fóruns de discussão, audiências públicas, coleta de assinaturas e eventos como as Conferências dos Direitos da Criança são algumas formas de participar e reivindicar junto ao governo as propostas elaboradas pela sociedade, inclusive por você.

Perguntas para orientar o debate:

- Quais seriam as decisões mais importantes na vida dos adolescentes?
- Que tipo de atividades podem ser realizadas para que os adolescentes exercitem sua participação e participem cada vez mais e melhor?
- Você se sente confortável para participar? Quais os desafios e como superá-los?

Para saber mais:

- Portal da Criança e do Adolescente: <http://www.direitosdacrianca.org.br>
- Vídeo produzido por adolescentes indígenas, sob coordenação do Instituto Tribo Jovens: <http://www.youtube.com/watch?v=Lf3Pzuhp3gk>
- Adolescentes do Mercosul: <http://parlamentojuvenil.educ.ar/pt-br/http://www.youtube.com/watch?v=Lf3Pzuhp3gk>

Ficha 5 : Buscar proteção quando ameaçados

O que é Buscar proteção quando ameaçados?

Definição/Objetivo: É perceber as situações em que sua dignidade, integridade e cidadania estão sob ameaça de violação por qualquer pessoa, grupo ou instituição e saber a quem recorrer para buscar ajuda.

Constatação: O desrespeito aos direitos dos adolescentes pode ser fácil de enxergar em casos como agressões físicas ou ameaça de morte. Mas há maneiras sutis de ameaçar os direitos, como uma oferta de um trabalho noturno, por exemplo, que parece promissora, mas pode resultar no abandono dos estudos.

Tá na Lei

“É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente.”

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Art. 70

CATEGORIA:

✓ ATITUDE

DIREITO:

✓ CRESCER SEM VIOLÊNCIA

APRENDO A:

✓ CONVIVER

E DESENVOLVO:

✓ AUTONOMIA

Como saber que sei buscar proteção quando ameaçado?

Confira se já pode responder “Eu sei” para as afirmações abaixo:

- Quais os meus direitos, quem são os responsáveis por sua garantia e onde buscar informação sobre a rede de proteção.
- Identificar quando alguém ou alguma instituição tenta fazer algo que vai me prejudicar.
- Quem são os adultos de confiança que podem me apoiar, caso eu precise.

Como desenvolver a capacidade de buscar proteção quando ameaçado?

Se em algum momento, você passar por uma situação difícil, sentir-se sozinho, desconfiar que algo não vai bem com a sua saúde, achar que ninguém leva a sério sua preocupação ou sentir que algo ou alguém pode te prejudicar, é hora de buscar apoio. Aquele professor em que você mais confia, a coordenação pedagógica da escola, o Conselho Tutelar da sua cidade, um tio ou tia mais gente boa são algumas opções para buscar proteção. Procure conhecer também as garantias do ECA.

Com quem contar para buscar proteção quando ameaçado?

Na família – Pais, irmãos, tios e outras pessoas de confiança podem oferecer apoio e orientação. Se a conversa não partir deles, faça perguntas que podem deixá-lo mais seguro. E se eles não souberem responder, vocês podem procurar informações juntos na internet, no Conselho Tutelar, na escola.

Na escola – Procure apoio de alguns professores para organizar seminários, debates, palestras, entre outras atividades para aprender a proteger seus direitos. Grêmios estudantis e jornais escolares podem facilitar o diálogo com professores, com a direção da escola e com especialistas sobre seus direitos.

Na comunidade – Procure ocupar espaços de convivência como praças, associações de moradores e conversar com lideranças locais sobre ações voltadas para adolescentes. É fundamental conhecer quais as instituições de sua comunidade que compõem a rede de proteção de crianças e adolescentes, como o Conselho Tutelar, Centros de Defesa da Criança e do Adolescente e órgãos de segurança.

História de vida:

Sabrina, 16 anos, morava com a mãe e o namorado da mãe desde os 13 anos. Quando fez 15 anos, o padrasto começou a procurá-la escondido, oferecendo dinheiro para que ela aceitasse ficar com ele e com seus amigos. Ela não tinha coragem de contar para ninguém, mas confiou em sua professora de português, que a orientou a usar o Disque 100. Eles passaram o contato do Conselho Tutelar e a conselheira conversou com sua mãe e fez uma advertência a seu padrasto sobre os crimes de exploração e abuso sexual. A mãe apoiou Sabrina e separou-se do namorado.

Você conhece outras histórias de adolescentes que encontraram proteção quando ameaçados?

Contexto:

Muitos meninos e meninas não têm o seu direito de ser adolescente cumprido: os adolescentes são o segundo grupo etário mais pobre da população, depois das crianças: 38% dos adolescentes brasileiros vivem em pobreza¹; a cada dia, 11 adolescentes são assassinados no Brasil²; 80% das denúncias de exploração sexual, feitas no primeiro semestre de 2010 por meio do disque-denúncia, referiam-se a crianças e a adolescentes do sexo feminino³; mais de 7 milhões de adolescentes em idade de frequentar os anos finais do ensino fundamental estão fora da escola; pouco mais da metade dos adolescentes entre 15 e 17 anos (50,9%) está no ensino médio.⁴

Perguntas para orientar o debate:

- Com quem você pode contar quando se sente ameaçado?
- Você acha que tem seus direitos ameaçados quando lê o jornal? Quando vê televisão? Quando sai na rua? Quando está na escola?
- Até que ponto características pessoais (etnia, local onde mora, orientação sexual) influenciam na proteção ou violação de seus direitos?

Para saber mais:

- Para conhecer a lei, acesse: www.leidireto.com.br ou www.promenino.org.br
- Disque 100: serviço gratuito e confidencial de denúncias sobre violação de direitos. Funciona 24 horas.
- Programa de Adolescentes Ameaçados de Morte, coordenado pela Secretaria de Direitos Humanos: <http://www.direitoshumanos.gov.br/spdca/ppcaam>



¹ IBGE/Pnad, 2009

² Ministério da Saúde/SIM, 2009

³ Secretaria de Direitos Humanos/Disque Denúncia Nacional, 2010

⁴ IBGE/Pnad, 2009

Ficha 6 : Adotar atitude saudável pela prática de esportes

O que é Adotar atitude saudável pela prática de esportes?

Definição/Objetivo: Todo adolescente é capaz de ter uma atitude saudável pela prática de esportes e, assim, garantir a realização de seu direito ao esporte seguro e inclusivo, desenvolver sua autoestima, equilíbrio físico e psíquico e capacidade de interação social. O esporte não é para alguns, é para todos!

Constatação: A taxa de atendimento do programa Segundo Tempo, que atualmente faz parte do programa de Educação Integral Mais Educação, implementado pelo Ministério da Educação (MEC), chegou a 27,2% dos municípios brasileiros no primeiro semestre de 2010.¹ Ainda são poucas as iniciativas esportivas para adolescentes no Brasil.

Tá na Lei

“A criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Art. 71

CATEGORIA:

✓ ATITUDE

DIREITO:

✓ SOBREVIVER E SE DESENVOLVER

APRENDO A:

✓ SER

E DESENVOLVO:

✓ IDENTIDADE

Como saber que tenho atitude saudável pela prática de esportes?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Sinto-me energizado porque pratico exercícios com regularidade.
- Fico mais tranquilo e mais disposto a aprender por conta das atividades físicas.
- Compreendo que esporte é para todos, independente das ambições como esportista, de ser menino ou menina, raça, etnia, condição física.

Como desenvolver a capacidade de ter atitude saudável pela prática de esportes?

Estabelecer metas realistas para a prática de exercícios é um bom começo. Identificar um esporte que você gosta e procurar locais para praticá-lo perto de casa ou da escola pode render muitos amigos, além de saúde e disposição de sobra.

Com quem contar para ter atitude saudável pela prática de esportes?

Na família – Por acaso, a família emenda a novela das 6, 7 e 8 em frente à TV? Que tal propor hábitos mais saudáveis, caminhadas e uma alimentação mais livre de frituras, refrigerantes e produtos artificiais?

Na escola – Que tal propor um campeonato esportivo na escola? Você pode contar com o apoio do(a) professor(a) de educação física ou de voluntários da comunidade nos treinamentos.



Rejupe – A Rede de adolescentes e jovens pelo esporte seguro e inclusivo (Rejupe) discute as oportunidades e benefícios trazidos pela Copa do mundo, Jogos Olímpicos e Paraolímpicos que serão realizados no Brasil em 2014 e 2016, respectivamente. Esses megaeventos demandam investimentos e resultam em grande infraestrutura, aumento de oportunidades de emprego e promoção do turismo, além de prestígio. Eles deixarão um legado para o país. Mas como as crianças e adolescentes se beneficiarão desse legado social? Você conhece as ações da Rejupe em sua cidade?

História de vida:

As quadras da escola de Mateus, 16, estavam tão detonadas, que os alunos acabavam jogando bola do lado de fora, próximo a ruas muito movimentadas. Ele adorava futebol no fim de tarde para extravasar o cansaço, mas estava ficando inviável continuar jogando perto do trânsito. Foi então que Mateus sugeriu uma mobilização na escola para melhorar a oferta de atividades esportivas. Ele descobriu gente que não gostava de futebol, mas adorava vôlei, handebol e tinha até um dançarino de hip-hop. Com apoio do professor de educação física, Mateus organizou oficinas esportivas. O sucesso foi tão grande que os pais dos alunos também se animaram e sugeriram uma atividade parecida aos sábados, no galpão comunitário. Você tem onde praticar esporte na sua escola? Como poderia ampliar esses espaços?

Contexto:

O esporte pode ensinar sobre bem estar, saúde, ajudar nos processos de tomada de decisão, de participação coletiva e também ajudar a lidar com as frustrações e deixar a mente mais leve e o corpo mais forte. Para potencializar o valor educacional do esporte, é fundamental contar com a ajuda de professores ou instrutores. Esporte é para todos e deve ser praticado com respeito à diversidade e condições físicas e psicológicas de cada adolescente.

Perguntas para orientar o debate:

- Como os eventos esportivos – Copa, Olimpíadas e Paraolimpíadas – podem ajudar a levantar o tema sobre o direito ao esporte seguro e inclusivo no Brasil?
- Qual esporte você mais gosta de praticar? Onde pratica? Como se sente? O que aprende com a prática dessa atividade?
- Você conhece atividades esportivas oferecidas perto de sua casa ou escola?

Para saber mais:

- Direito ao Esporte – direitoaoesporte.blogspot.com
- Caderno para o debate dos adolescentes sobre o direito ao esporte e o legado dos megaeventos:
http://www.unicef.org/brazil/pt/br_rejupe12.pdf
<http://www.vozdosadolescentes.org.br/vozdosadolescentes/redes/rede>
- http://www.youtube.com/watch?v=G1l--3_7avg
- www.esporte.gov.br
- IEE – Instituto Esporte & Educação: www.esporteeducacao.org.br
<http://www.specialolympics.org/site/>

Ficha 7 : Desenvolver o pensamento analítico

O que é Desenvolver o pensamento analítico?

Definição/Objetivo: É ter a capacidade de relacionar conceitos, solucionar problemas, receber e transmitir informação.

Constatação: Mesmo depois que o corpo já está formado, o cérebro continua a desenvolver-se, principalmente na fase final da adolescência, que começa aos 15 anos. Você já percebeu como nesta idade aumenta nossa sede de questionar? Com o pensamento analítico apurado, diante de um problema, o adolescente formula hipóteses, coleta dados, analisa-os, para, então, propor soluções.

Tá na Lei

“Os Estados Partes reconhecem que a educação da criança deverá estar orientada no sentido de:

a) desenvolver a personalidade, as aptidões e a capacidade mental e física da criança em todo seu potencial”.

Convenção sobre os Direitos da Criança - Art. 29

CATEGORIA:
✓ CONHECIMENTO

DIREITO:
✓ APRENDER

APRENDO A:
✓ APRENDER

E DESENVOLVO:
✓ AUTONOMIA

Como saber que tenho desenvolvido o pensamento analítico?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Diante de um problema, procuro identificar as causas, dividindo o problema em partes mais simples, que podem ser mais facilmente explicadas.
- Ao analisar as causas, suponho qual seria a solução, para depois testá-la.
- Sei onde coletar dados e informações que me ajudam a resolver o problema, mas filtro o que pode ser útil.

Como desenvolver o pensamento analítico?

Não só os músculos se desenvolvem com exercício, mas também o cérebro! Em duplas ou grupos pequenos, reflita e discuta temas que apareçam na escola, na mídia, em casa. Depois discuta um tema novo, como uma descoberta científica, mas com a mediação de alguém que já tenha conhecimento sobre o tema. Faça sorteio de temas novos para serem pesquisados e debatidos. Procure obter informações através de perguntas e observações; separar as informações, analisá-las, organizá-las em categorias, descrever acontecimentos e idéias com exatidão, fazer comparações para identificar semelhanças e diferenças, avaliar as informações, chegar a conclusões e projetar as conclusões para o futuro.

Com quem contar para desenvolver o pensamento analítico?

Na família – Uma investigação familiar para descobrir mais sobre a sua história pode ser uma boa maneira de exercitar a capacidade analítica. Você já perguntou como seus pais se conheceram, como escolheram seu nome, o que mudou depois do seu nascimento?

Na escola – Muitas aulas desenvolvem a capacidade analítica: na matemática, quando resolvem problemas; na literatura, quando interpretam textos; na história, quando se relacionam fatos passados com atuais.

Na comunidade – Problemas práticos também podem ser resolvidos pelo pensamento analítico. Por exemplo, sobre o lixo acumulado na rua, você pode coletar informações sobre como os vizinhos armazenam e retiram o lixo e, assim, analisar e propor uma solução para o lixo na rua toda.

História de vida:

Mariana, 17 anos, já sabia que queria estudar arquitetura após concluir o ensino médio, mas ainda não tinha um plano para atingir tal objetivo. Ela fez uma investigação: entrou no site de diversas universidades, coletando informações como: preço, concorrência, pré-requisitos, datas das provas, nota da universidade no Enade. Fez uma tabela com essas categorias, definiu um peso de 1 a 10 para cada item. Por exemplo: universidade pública tinha peso 10, universidade particular tinha peso 5. Após analisar todas as informações, ela definiu seus planos A, B e C. E começou a agir: nas férias de julho, fez um curso de desenho, já que esse era um dos pré-requisitos para entrar na escola que queria.

Em que outras situações você poderia utilizar o pensamento analítico como estratégia de resolução de um problema?

Contexto:

O pensamento analítico não é o único tipo de pensamento a ser desenvolvido e valorizado em nossa vida. Foi René Descartes quem disseminou essa forma de pensamento, que pode ser resumida em sua famosa frase "Penso, logo existo", e que possibilitou muitas descobertas científicas e tecnológicas.

Mas algumas questões podem ser melhor compreendidas pelo chamado pensamento "holístico" (holos, do grego = o todo), ou pensamento sistêmico, que prioriza a visão dos organismos como um todo integrado, sem reduzir suas propriedades a suas partes. Você pode mesclar as várias inteligências e usá-las por toda a vida.

Perguntas para orientar o debate:

- Em que situações o pensamento analítico pode ser útil?
- Em que situações o pensamento sistêmico pode ser mais interessante?
- Seria possível combiná-los? Como?

Para saber mais:

- Como desenvolver pensamento analítico:

[http://www.docstoc.com/docs/10718133/Pensamento-Anal%C3%ADtico-\(Analytical-Thinking\)-Solu%C3%A7%C3%A3o-de-Problemas-\(Problem-Solving\)](http://www.docstoc.com/docs/10718133/Pensamento-Anal%C3%ADtico-(Analytical-Thinking)-Solu%C3%A7%C3%A3o-de-Problemas-(Problem-Solving))

- Artigo "Ouse se divertir com os problemas", sobre pensamento sistêmico: <http://www.metanoia.net/artigoteca-detalhes.asp?cArtigo=36>

- DEMO, Pedro. Complexidade e Aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas 2008.

- FREIRE, Paulo. Política e Educação: Ensaio. São Paulo: Cortez, 1993.

- MORIN, Edgard. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.



Ficha 8 : Saber prevenir-se das doenças em geral e proteger os outros e a si mesmo das DST e do HIV/aids

O que é Saber prevenir-se das doenças em geral e proteger os outros e a si mesmo das DST e do HIV/aids?

Definição/Objetivo: É vivenciar a sexualidade sem neuras e com muita saúde, protegendo a si mesmo e a quem compartilha essa vivência com você.

Constatação: A transmissão sexual continua sendo responsável por grande parte das infecções entre pessoas com mais de 13 anos. No geral, a epidemia afeta mais homens que mulheres, mas entre pessoas de 13 a 19 anos a tendência se inverte: para cada oito casos em meninos, existem 10 em meninas. Aproximadamente 21 mil crianças e adolescentes até 15 anos vivem com o HIV, principalmente pela transmissão vertical (de mãe para filho).¹

Tá na Lei

“A saúde reprodutiva implica que as pessoas são capazes de ter uma vida sexual segura e satisfatória e que possuem a capacidade de se reproduzir e a liberdade para decidir se, quando e com que frequência devem fazê-lo.”

Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD).

Cairo, 1994

CATEGORIA:

✓ ATITUDE

DIREITO:

✓ PROTEGER(-SE) DO HIV/AIDS

APRENDO A:

✓ CONVIVER

E DESENVOLVO:

✓ AUTONOMIA
✓ INTERAÇÃO

Como saber que sei me prevenir das doenças em geral e proteger os outros e a mim mesmo das DST e do HIV/aids?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Respeito a maneira que cada um escolhe para vivenciar a sua sexualidade.
- Já decidi: uso camisinha da primeira vez, da segunda vez, da terceira e das próximas vezes! Usar camisinha é um ato de cuidado. Prova de amor é cuidar de si e do outro!
- Sei o que é CTA, onde fica e para que serve, aliás, já planejei minha ida.

Como desenvolver a capacidade de me prevenir das doenças em geral e proteger os outros e a mim mesmo das DST e do HIV/aids?

Vulnerabilidade é uma condição que certas pessoas têm que aumentam as chances de se infectar ou adoecer mais do que as outras pessoas. Para evitar danos e doenças em nossa vida, precisamos de informação, equilíbrio emocional e recursos (no caso da aids, a bendita camisinha!).

Com quem contar para me prevenir das doenças em geral e proteger os outros e a mim mesmo das DST e do HIV/aids?

Na família – Conversar sobre como era o namoro no tempo dos pais ou avós pode ser uma estratégia para falar de sexualidade de uma forma leve, bem-humorada e, assim conversar sobre os cuidados que envolvem a sexualidade nos tempos de hoje.

Na escola – O projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) propõe um namoro entre saúde e educação. Você já ouviu falar desse projeto?



¹ MS/Boletim Epidemiológico, 2011

Na comunidade – Os profissionais do Centro de Saúde vão te atender e manter sigilo sobre qualquer informação pessoal. Procure saber onde fica o CTA – Centro de Testagem e Aconselhamento, serviço especializado com palestras informativas e teste gratuito para verificar infecção pelo HIV ou sífilis sem prescrição médica.

Entre adolescentes – A conversa sincera com amigos e/ou namorado(a) é sempre bem-vinda e pode ajudar a esclarecer dúvidas, sem pressão e com respeito pela maneira como cada um deseja vivenciar a sua sexualidade.

História de vida:

Desde que Karina chegou na escola, Zeca não sonhava com outra coisa. Ele estava totalmente fissurado, apaixonado, e tinha que se segurar para não ficar hipnotizado pelo movimento daquele cabelo longo, que virava de um lado para outro. Eis que na festa do Carlinhos, ela aparece de surpresa! E foi se encantando pelo papo do Zeca, que falava sobre música, planos para o futuro, até que nenhum dos dois quis dizer mais nada. Ela propôs que ele a levasse em casa. Ele disse sim. Ela o convidou para entrar. Ele disse sim. O momento era perfeito. Mas... ele havia esquecido a camisinha no bolso de outra calça. "Também não tenho", disse ela. O que fazer?

Quais as conseqüências de uma ou outra decisão deste casal? Que atitude demonstraria mais cuidado? Que atitude os deixariam mais vulneráveis?

Contexto:

Usar ou não o preservativo na hora "H" depende de fatores emocionais e de relacionamento que só você vai poder gerenciar. Usar a camisinha traz autoconfiança, promove saúde e demonstra que você está no controle do que acontece em sua vida, podendo planejar este e os próximos passos.

Perguntas para orientar o debate:

- Se me descobrir soropositivo ou souber de alguém próximo que vive com o HIV, conto com pessoas de confiança para me orientar e seguir em frente, sem preconceito.
- Onde é possível buscar informação sobre as formas de prevenção das DST/aids?
- Quem é vulnerável à aids? Quem precisa fazer o teste?

Para saber mais:

- Material "Eu preciso fazer o teste do HIV/AIDS?:
<http://www.slideshare.net/tancredoaneves/00000142741>
- Ecos: Comunicação em Sexualidade www.ecos.org.br
- Departamento de DST/aids e hepatites virais: www.aids.gov.br
- Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/aids:
redenacionaldejovens.blogspot.com/

Ficha 9 : Desenvolver preferências estéticas e sensibilidade cultural e artística

O que é Desenvolver preferências estéticas e sensibilidade cultural e artística?

Definição/Objetivo: É reconhecer-se como humano pelo acesso aos bens culturais, pela produção de arte e pelo desenvolvimento de suas capacidades de ver, ouvir, movimentar-se, atuar e sentir no/o mundo.

Constatação: O Ministério da Cultura tem buscado aproveitar locais onde já acontecem manifestações artísticas para instalar os Pontos de Cultura em associações de bairro, ONGs, igrejas e templos. Quem decide o tipo de atividade é a comunidade. Hoje, existem cerca de 3 mil pontos de cultura em mais de 1,1 mil cidades brasileiras.¹

Tá na Lei

“Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios”.

Declaração Universal dos Direitos Humanos - Art. XXVII

CATEGORIA:
✓ CONHECIMENTO

DIREITO:
✓ APRENDER

APRENDO A:
✓ APRENDER

E DESENVOLVO:
✓ IDENTIDADE



Como saber que tenho desenvolvido preferências estéticas e sensibilidade cultural e artística?

Confira se já pode responder “Eu sei” para as afirmações abaixo:

- Escolho as músicas, bandas e cantores que mais gosto após ter ouvido diversos estilos.
- Desenvolvo e aprimoro minha criatividade por meio do teatro, da dança, das artes visuais ou outras manifestações artísticas.
- Me interesso pela comida típica, artesanato e costumes da minha região e de outras regiões.

Como desenvolver preferências estéticas e sensibilidade cultural e artística?

Preste atenção às produções artísticas e culturais a que você tem acesso (música, poesia, grafite, estilos de dança etc). Elas dão conta da diversidade cultural que há no mundo? Você já parou para refletir quais são as suas formas de expressar e desenvolver a sua criatividade? Você pode aprimorá-las fazendo cursos, estudando e praticando e partilhando seus aprendizados, dúvidas e indagações com amigos, professores e parentes.

¹ Minc, 2012

Com quem contar para desenvolver preferências estéticas e sensibilidade cultural e artística?

Na família – Pesquisar o gosto cultural das gerações passadas ajuda a conhecer o que eles curtiam, escolher o que tem a ver com você e observar como a arte e a cultura se transformam historicamente.

Na escola – Converse com o professor de Educação Artística sobre como esta disciplina pode reforçar a consciência cultural. Que tal propor atividades extra-curriculares como visitas a mostras culturais, feiras de ciência, capoeira, break, grafite, sarau, teatro, festivais e muito mais.

Na comunidade – Na sua comunidade, existem espaços culturais? Pesquise quem são as pessoas da sua comunidade que se manifestam artisticamente.

Com os amigos – Conhecer pessoas com gostos diferentes e procurar compreender as razões delas gostarem daquela forma de manifestação faz com que ampliemos nosso repertório de cultura, além de termos a oportunidade de conhecer coisas novas.

História de vida:

Eric, 16 anos, conheceu música sertaneja e se amarrou. Foi como se ele tivesse encontrado seu grupo e sua identidade. Um dia, a professora propôs uma pesquisa sobre manifestações artísticas de diversos países e Eric ficou responsável pela Rússia. Ele se maravilhou com as pinturas de Vasnetsov, com os textos de Dostoievski, com a dança cossaca e com a música de Tchaikovsky e os sons do piano. Eric continuou ouvindo sertanejo, mas também começou a conhecer a música, a arquitetura, a literatura, as danças, esculturas e pinturas de diversos países.

Quando você entra em contato com uma forma de manifestação diferente das que você já tinha contato, você se abre para conhecer?

Contexto:

A Arte e a produção de cultura são os principais veículos para a construção de um olhar reflexivo sobre a vida e o mundo. Cada cultura possui as suas expressões artísticas e as suas práticas culturais específicas.

Perguntas para orientar o debate:

- Como você e seus amigos têm se expressado artisticamente?
- Que caminhos você tem encontrado para conhecer outras formas de ver o mundo diferentes da sua?
- Quais são as tradições culturais presentes em sua família e comunidade?

Para saber mais:

– Cultura e Identidade: comunicação para a igualdade étnico-racial – Guia de Orientação para os Municípios do Semiárido:

<http://www.selounicef.org.br/?op=4>

– IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:

www.iphan.gov.br

– Observatório da Diversidade Cultural:

<http://observatoriodadiversidade.org.br>

– Declaração Universal sobre a diversidade cultural:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>

– Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf>

– Roteiro para Educação Artística – Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI:

<http://www.clubeunescoedart.pt/files/livros/roteiro.pdf>

Ficha 10 : Adotar atitude ambiental responsável

O que é Adotar atitude ambiental responsável?

Definição/Objetivo: É se ver como parte integrante de uma rede de interdependência chamada Planeta Terra, ter a consciência de que suas ações têm influência na vida dos outros seres e agir responsabilmente, contribuindo para uma vida coletiva sustentável.

Constatação: Atualmente, cerca de 4 mil escolas brasileiras possuem Comissões de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (Com-vida).¹ A medida, implementada pelos Ministérios da Educação e do Meio Ambiente, resultou da reivindicação de 400 meninos e meninas de 11 a 14 anos que participaram da I Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, em 2003.

Tá na Lei

“Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Constituição Federal-Art.225

CATEGORIA:
✓ CONHECIMENTO

DIREITO:
✓ APRENDER

APRENDO A:
✓ FAZER

E DESENVOLVO:
✓ IDENTIDADE

Como saber que tenho atitude ambiental responsável?

Confira se já pode responder “Eu sei” para as afirmações abaixo:

- Pesquiso as empresas que produzem o que consumo para verificar se não fazem testes em animais, utilizam materiais recicláveis, cuidam do trabalhador, utilizam produtos orgânicos etc.
- Antes de comprar, verifico se realmente preciso ou se é apenas um desejo.
- Procuo reciclar o que não estou utilizando (recipientes, roupas, livros etc).

Como desenvolver atitude ambiental responsável?

Perceba a sua primeira morada: seu corpo, com todas as suas células. Ele é um organismo vivo. Olhe em sua volta. Tudo o que você vê, inclusive você mesmo, vêm do mesmo lugar: outro organismo vivo – o Planeta Terra. Com essa percepção de que tudo está interligado, preste atenção se suas atitudes refletem esta conexão com a vida. Quando você escolhe andar de bicicleta, utilizar transporte público ou ir de carona, por exemplo, você opta pelo seu bem-estar junto com o bem-estar de todos os seres do planeta.

Com quem contar para ter uma atitude ambiental responsável?

Na família – Que tal começar pela sua própria casa? Os alimentos que consumimos, os produtos que utilizamos e reciclamos, como economizamos água e energia?

Na escola – Sua turma pode criar uma horta comunitária, reciclar produtos, armazenar água, testar o uso de energias alternativas, fazer compostagem, entre outras ações.

Na comunidade – Organizações e grupos que cuidam do meio ambiente, sejam privadas ou públicas, podem ter informações e conhecer outras pessoas que estão atentas em relação ao meio ambiente.

História de vida:

Caroline, 17, gostava muito de badalar com as amigas. A cada festa que iam, Caroline queria uma roupa da moda. Um dia, Marta, 17, contou que não tinha dinheiro para comprar roupas novas e não queria passar vergonha. Caroline teve uma ideia: porque não reciclar as roupas que tinham? A ideia teve tantas adeptas que neste dia elas ficaram a noite toda criando e produzindo novas peças de roupas a partir das antigas. Três anos depois elas ainda não precisavam comprar roupas novas!

Além de roupas, com quais outros produtos podemos fazer isso?

¹ MEC, 2009

Contexto:

A sustentabilidade do planeta está diretamente conectada com a sustentabilidade de nossas vidas. Todas as nossas ações e atitudes têm impacto no mundo, então, quando escolhemos agir cuidando também das outras formas de vida, estamos cuidando da gente e das gerações futuras.

Perguntas para orientar o debate:

- Como transformar suas atitudes para que estejam conectadas com a vida?
- Que tipo de apoio você e seus amigos precisam para agir com responsabilidade ambiental?
- O que pode ser feito para que a vida seja mais sustentável na escola, na família, na comunidade?



Para saber mais:

- Rede da Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade (REJUMA):

<http://www.rejuma.org.br>

- Para ler a Carta da Terra e conhecer as ações pelo Brasil:

<http://www.cartadaterrabrasil.org>

- Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA):

www.rebea.org.br

- Revista Agenda 21 e Juventude:

http://www.mma.gov.br/estruturas/182/_arquivos/agenda21_juventude2010_182.pdf

- Publicação Juventude, Cidadania e Meio Ambiente:

<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao10.pdf>

Ficha 11 : Desenvolver seus talentos e adquirir aptidões profissionais

O que é Desenvolver seus talentos e adquirir aptidões profissionais?

Definição/Objetivo: É identificar o leque de opções em termos profissionais e se preparar para ingressar com segurança no mundo do trabalho, investindo em uma atividade com a qual se identifica.

Constatação: Dos 4,3 milhões de meninos e meninas entre 5 e 17 anos que exercem algum tipo de trabalho, 77% (3,3 milhões) têm entre 14 e 17 anos. O abandono da escola já aconteceu para 3,4% dos adolescentes brasileiros de 12 a 17 anos que trabalham como ambulantes, prestadores de serviço, engraxates, empregadas domésticas, coleta de frutos, moluscos e mariscos.¹

Tá na Lei

“A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”.

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Art. 53

CATEGORIA:
✓ CONHECIMENTO

DIREITO:
✓ APRENDER

APRENDO A:
✓ FAZER

E DESENVOLVO:
✓ AUTONOMIA

Como saber que tenho desenvolvido meus talentos e adquirido aptidões profissionais?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Sei quais os conhecimentos, habilidades e atitudes exigidas pelas áreas de meu interesse.
- Pesquiso os cursos existentes, se têm processos de seleção, quanto tempo duram.
- Conheço os programas de educação profissional oferecidos pelo governo, por empresas e pela sociedade civil em minha comunidade ou perto dela.

Como desenvolver talentos e adquirir aptidões profissionais?

No centro da escolha da profissão há uma pessoa que sente, pensa, age, tem sonhos, desejos e expectativas – você! Você tem mais interesse em trabalhar com pessoas, números e dados, meio ambiente ou objetos? Tem mais habilidade nas matérias exatas, biológicas ou humanas? Procure ingressar nos programas de educação profissional disponíveis em sua região. Aprendiz, Pronatec, Projovem Urbano e Rural são algumas iniciativas implementadas pelo governo para fazer valer o seu direito à educação profissional.

Com quem contar para desenvolver talentos e adquirir aptidões profissionais?

Na família – Procure conversar com pais, irmãos mais velhos e outros familiares sobre as possibilidades profissionais e procurar equilibrar as necessidades da família com os desejos e habilidades dos adolescentes.



Na escola – Para quem já optou por cursos técnicos, vale lembrar que os cursos de Educação Profissional Técnica de nível médio e programas de formação continuada de trabalhadores estão em expansão no Brasil por meio do Pronatec – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego.

Na Comunidade – Faça um mapeamento dos cursos técnicos oferecidos para adolescentes por ONGs, associações, igrejas e pelo Sistema S (conjunto de organizações de categorias do setor privado que buscam aprimorar a mão-de-obra), composto por SESC, SENAC, SENAI, entre outros.

História de vida:

Diego, 15, trabalhava na feira com seus pais desde cedo. Mas o volume de estudo ficou bem maior e estava cada vez mais difícil conciliar o batidão. Ele começou a estudar de noite, mas antes das 5 da manhã já tinha que estar de pé. O rendimento começou a cair. Diego pretendia continuar estudando, mas sabia que a família precisava dele. O professor de matemática, que já tinha percebido a habilidade de Diego com os números, sugeriu que ele tentasse um estágio na parte administrativa da feira, trabalhando somente no período da tarde, quando o movimento era menor e as bancas fechavam os caixas do dia. Os administradores concordaram em contratá-lo como estagiário. E além de aprimorar suas habilidades matemáticas, Diego pode continuar seus estudos com mais disposição.

Contexto:

“Escolha um trabalho que você ama e não precisará trabalhar nenhum dia da sua vida”, disse o filósofo Confúcio (551 a.C – 979 a.C.). A escolha da profissão é como a escolha de um amor quando correspondido. Cada lado da relação – o seu e o da profissão – exige e oferece certas coisas. Cabe a você analisar os dois lados para verificar se o “casamento” funciona.

Perguntas para orientar o debate:

- Você já sabe o que gosta e sabe fazer melhor? Como poderia aproveitar essas habilidades no mundo do trabalho?
- Como poderia aprimorar suas habilidades com cursos, estágios, atividades voluntárias?
- Você sabe o que diz a lei sobre o trabalho de adolescentes?

Para saber mais:

– Pronatec: Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego:

<http://pronatecportal.mec.gov.br>

– ProJovem Campo – Saberes da Terra:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12306

– Projovem Urbano: Educação de Jovens e Adultos integrada à qualificação profissional e o desenvolvimento de ações comunitárias:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17462&Itemid=817

– Aprendiz Legal: preparação e inserção de jovens no mundo do trabalho:

<http://www.aprendizlegal.org.br>

Ficha 12 : Adotar atitude financeira responsável

O que é Adotar atitude financeira responsável?

Definição/Objetivo: É planejar e organizar seus recursos e participar da organização dos recursos de sua família e comunidade de forma a construir uma vida sustentável.

Constatação: No Distrito Federal, adolescentes de 13 a 18 anos participantes do Projeto Onda, do Inesc, têm monitorado o Orçamento da Secretaria de Educação do DF desde 2007. Com pressão política e por meio de audiência pública, conseguiram assegurar 2 milhões de reais para construção e reforma das escolas públicas na Lei Orçamentária Anual de 2009.

Tá na Lei

“Toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social; e pode, legitimamente, exigir a satisfação dos direitos econômicos, sociais e culturais, indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade.”

Declaração Universal dos Direitos Humanos - Artigo XXII

CATEGORIA:

✓ ATITUDE

DIREITO:

✓ APRENDER

APRENDO A:

✓ APRENDER

E DESENVOLVO:

✓ AUTONOMIA

Como saber que tenho adotado atitude financeira responsável?

Confira se já pode responder “Eu sei” para as afirmações abaixo:

- Planejo meus recursos fazendo escolhas a longo prazo e digo “não” a um desejo imediato quando sei que os benefícios futuros serão maiores.
- Pratico o comércio justo e solidário e tenho relações comerciais duradouras e transparentes.
- Atuo de forma colaborativa e cooperativa com os diversos atores do sistema econômico: produtores, comerciantes, consumidores e prestadores de serviços.

Como desenvolver atitude financeira responsável?

O primeiro passo é pensar como os seus recursos são aplicados na sua vida. Que tal fazer um mapa de onde vêm os recursos que o sustentam e que necessidades eles atendem? Ao começar a se apropriar da administração de recursos na sua própria vida, fica bem mais fácil entender como ela funciona em âmbitos maiores, como em uma empresa, uma cidade ou um país.

Com quem contar para ter atitude financeira responsável?

Na família – Nada melhor que começar a exercitar a economia em casa. Aliás, a palavra vem do grego e significa “Administração da casa”(oikós é casa e nomos é norma, lei). Como vocês dividem as tarefas em casa? Como planejam a compra de produtos e serviços? As necessidades de todos da família estão sendo atendidas?

Na escola – A Educação Financeira pode ser oferecida na grade curricular. E que tal exercitar a economia solidária com uma feira de trocas? Ou propor o orçamento participativo na escola para que a comunidade escolar decida onde os recursos serão empregados?

Na comunidade – Participar do orçamento público de sua comunidade é decidir junto com os governantes onde os recursos serão investidos e como.

História de vida:

Na casa dos irmãos Renato, 15, e Cris, 13, na última semana do mês sempre faltava grana para alimentos, ônibus, celular... Cris resolveu levar a seus pais o conhecimento que adquiriu na aula de educação financeira na escola. Começaram a planejar no início de cada mês como seriam investidos os recursos. Para reduzir despesas, Renato trocou algumas horas de celular por reuniões com os amigos em casa. E para ampliar a renda, o pai, que sabia cozinhar divinamente, fazia quentinhas para vender nos finais de semana. E assim começaram a mudar a administração da casa.

Quais os recursos disponíveis em sua casa? E as despesas? Que tal planejar como organizá-los e cuidar da necessidade de todos?



Contexto:

Com o dinheiro conseguimos cuidar de muitas necessidades: desde um saco de arroz até nosso transporte. A manutenção e a sustentabilidade de nossas vidas está diretamente relacionada com nossas atitudes em relação ao dar e ao receber, e o dinheiro, no sistema em que vivemos, faz parte dessa relação. O equilíbrio entre o quanto doamos e o quanto recebemos faz com que nossa vida e a dos outros seres esteja de fato sustentada. Se co-responsabilizar pelas relações de consumo com os produtores, comerciantes e prestadores de serviço faz parte também do aprendizado de atuar de forma justa, transparente e ética na economia.

Perguntas para orientar o debate:

- Pegue uma nota e procure fazer o caminho dela: como será que ela veio parar na sua vida?
- Você conhece como é produzido o produto que compra? E qual a sua relação com os comerciantes?
- Quando você precisa de algum serviço (educação, saúde, encanamento de casa, festa etc) como você se relaciona com quem o oferece?

Para saber mais:

- Projeto ONDA – Adolescentes em Movimento pelos Direitos
<http://www.criancanoparlamento.org.br/node/66>
- Site Economia Viva:
<http://www.economiaviva.com.br>
- Instituto Akatu de Consumo Consciente:
<http://www.akatu.org.br/>
- Cartilha "Orçamento Público – decifrando a linguagem":
<http://www.investmentocrianca.org.br/SimIC/TireDuvidas/decifrando.pdf>
- Para conhecer a história do dinheiro:
<http://www.bcb.gov.br/?HISTDIN>
- Vídeo "A História das Coisas":
<http://www.youtube.com/watch?v=lgmTfPzLI4E>
- Vida e Dinheiro – site da Estratégia Nacional de Educação Financeira do Governo Federal:
<http://www.vidaedinheiro.gov.br>
- Programa Dinheiro no Bolso do Canal Futura:
<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/para-jovens-e-criancas/dinheiro-no-bolso.aspx?idioma=pt-br>

Ficha 13 : Gerenciar conflitos de forma saudável e positiva, inclusive conflitos intergeracionais

O que é Gerenciar conflitos de forma saudável e positiva, inclusive conflitos intergeracionais?

Definição/Objetivo: É perceber situações de conflito como oportunidade de reconhecer as diferentes necessidades e aprender sobre as diversas estratégias de negociação, buscando resultados justos para todos.

Constatação: O conflito se manifesta quando a necessidade de uma ou várias pessoas não é atendida. Podemos estar em conflito com a gente mesmo, com outra(s) pessoa(s) dentro de um grupo ou um grupo pode estar em conflito com outro.

Tá na Lei

“Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”.

Declaração Universal dos Direitos Humanos – Art. 1

CATEGORIA:
✓ ATITUDE

DIREITO:
✓ CRESCER SEM VIOLÊNCIA

APRENDO A:
✓ CONVIVER

E DESENVOLVO:
✓ INTERAÇÃO

Como saber que sei gerenciar conflitos de forma saudável e positiva?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Peço apoio a uma terceira pessoa quando não consigo mais escutar outras pessoas envolvidas no conflito.
- Expresso meus sentimentos e necessidades de forma clara. E confirmo se o outro entendeu.
- Escuto os sentimentos e necessidades da outra pessoa e procuro entender as razões por ela ter agido daquela forma. Confirmando se compreendi o que ela queria dizer.

Como desenvolver a capacidade de gerenciar conflitos de forma positiva e saudável?

Estamos acostumados a lidar com os conflitos como se alguém estivesse certo e o outro errado. Punimos o lado errado e pronto. Como poderia ser diferente? A melhor forma de aprender a gerenciar conflitos é lidar com eles como uma oportunidade de reparar danos e restaurar relações. Isso significa trocar a competição pela cooperação; a indiferença pela afetividade; e o autoritarismo pelo igualitarismo.

Com quem contar para gerenciar conflitos de forma positiva e saudável?

Na família – Peça ajuda a alguém com quem você tenha mais afinidade, em quem você confie e possa te ajudar a entender as necessidades dos demais integrantes da família, perguntar o que sentem e procurar soluções mais justas.

Na escola – Converse com os coordenadores pedagógicos, professores e colegas sobre a possibilidade de implementar um sistema restaurativo na escola ou na sua classe.

Na comunidade – Podemos montar a nossa rede de apoio, formada por pessoas dispostas a nos ajudar quando estamos nervosos e pensamos em partir para a violência (verbal ou física). Veja com quem você consegue estabelecer um combinado para que elas estejam disponíveis nos momentos em que você precisar. Você também pode se disponibilizar para escutar outras pessoas.



História de vida:

Um dia, Gustavo, 16, foi para a escola muito chateado por ter perdido o mp3 que havia acabado de ganhar. A professora pediu a Lucas e Gustavo que fizessem um exercício juntos. Lucas não entendeu o que foi pedido e Gustavo se irritou, virou a mesa dele e jogou seus pertences no chão. Lucas já ia "sair na porrada", mas respirou fundo e perguntou o que tinha acontecido para Gustavo estar tão nervoso. Gustavo contou que não conseguia se concentrar por causa do mp3 perdido. Foi uma forma um pouco trágica de pedir ajuda. A professora avisou Gustavo que seu mp3 tinha ficado na sala. Ele pediu desculpas a todos e sugeriu que nos dias em que os colegas tivessem alguma questão pessoal, pudessem desabafar antes das aulas.

Como nossos sistemas de justiça contribuem para convivermos em paz?

Contexto:

Se enxergarmos os conflitos como oportunidades de aprender mais sobre nós mesmos, os outros e o mundo em que vivemos, e não como um problema a ser resolvido, fica mais gostoso lidar com eles. Conflitos são como um dado novo que chega a um sistema. Até que a gente compreenda o que este dado quer nos contar, ficamos confusos e um pouco desorientados. Conflito é a informação de que alguma coisa está mudando em nossas relações, que tem alguma informação ali que não conhecíamos e, por isso, precisamos nos ajustar.

Perguntas para orientar o debate:

- Como você e as pessoas que conhece têm lidado com os conflitos? Que caminhos têm encontrado? As pessoas ficam satisfeitas?
- Você conhece alguma forma restaurativa de gerenciar conflitos? Quais?
- Como costuma agir quando discorda da decisão de pessoas mais velhas que você?

Para saber mais:

- Guia de Mediação Popular :

http://www.juspopuli.org.br/arquivos/publicacoes_dw/Guia_de_Mediacao_Popular.pdf

- Justiça e Educação em Heliópolis e Guarulhos:

http://file.fde.sp.gov.br/portalfde/Arquivo/A_Justica_e_educacao.pdf

- Sobre conflitos entre pais e filhos adolescentes:

http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/Conflitos_entre_pais_filhos.pdf

Ficha 14 : Mediar e negociar

O que é Mediar e negociar?

Definição/Objetivo: Mediar é facilitar uma conversa, intervir, se colocar no meio, contribuindo para que uma mensagem chegue a seu destino. Negociar é chegar a um acordo sem interferência de terceiros.

Constatação: Quando alguém quer por que quer fazer algo de um jeito que as outras pessoas não aceitam, a mediação entra para compreender as necessidades e valores de cada um dos envolvidos. Já a negociação pode ser constatada numa greve, por exemplo, em que patrões e trabalhadores discutem as condições de trabalho.

Tá na Lei

“Desenvolver ações nacionais de elaboração de estratégias de mediação de conflitos e de Justiça Restaurativa nas escolas e outras instituições formadoras e instituições de ensino superior...”

Ação Programática do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)

CATEGORIA:
✓ ATITUDE

DIREITO:
✓ CRESCER SEM VIOLÊNCIA

APRENDO A:
✓ CONVIVER

E DESENVOLVO:
✓ INTERAÇÃO

Como saber que tenho capacidade de mediação e negociação?

Confira se já pode responder “Eu sei” para as afirmações abaixo:

- Defender minha opinião e entender a das outras pessoas.
- Perceber quando as pessoas que conversam não estão se escutando, embora pareçam estar.
- Compreender sentimentos, necessidades e valores das pessoas envolvidas em uma discussão.

Como desenvolver a capacidade de mediar e negociar?

A escuta empática é uma das estratégias que ajudam a conhecer a nós mesmos e aos outros e a buscar soluções que atendam a todos. Ter empatia é se conectar, compreendendo quais os sentimentos e necessidades temos em comum. Quem escuta empaticamente, muitas vezes faz perguntas para confirmar se compreendeu o que se passa com a outra pessoa.

Com quem contar para ser capaz de mediar e negociar?

Na família – A escuta empática é uma excelente forma de conexão. Ela não julga: “Ai que absurdo! Que maravilhoso!”; não simpatiza: “Realmente ele é um idiota!”, mas procura ouvir por entre as palavras quais os sentimentos e as necessidades dos envolvidos.

Na escola – Os círculos restaurativos vêm obtendo bons resultados nas escolas. Com apoio de mediadores, procura-se reparar danos causados por conflitos, buscando compreender sentimentos e necessidades dos envolvidos.

Na comunidade – Sistemas de justiça restaurativa procuram colocar os envolvidos em um conflito para dialogar sobre como reparar danos e restaurar relações.

História de vida:

As irmãs Paula, 17, e Cristina, 13, caminhavam para a escola como de costume. Porém, andavam como se não se conhecessem. O vizinho Ricardo, 15, percebeu e perguntou para Paula, que parecia a mais triste, o que ela queria que Cristina soubesse. Aos poucos, Paula conseguiu dizer à Cristina que estava com muita raiva porque não tinha o apoio da irmã para explicar aos pais sua opção pela faculdade de Artes Plásticas, e não Administração. Ricardo continuou escutando, quase não precisava intervir. Apenas perguntava a uma se era aquilo mesmo que ela queria que a outra entendesse e vice-versa. Cristina disse que queria o melhor para Paula, mas agora percebia o que a faria feliz. Juntas, elas decidiram conversar abertamente com os pais. E os três seguiram juntos para a escola.

Contexto:

As pessoas que sofrem danos em um conflito podem ficar com tanta mágoa e revolta a ponto de não conseguirem enxergar quem cometeu o ato como ser humano. Nesses casos, é valiosa a ajuda de um mediador para não perpetuarmos a violência, mas reconhecermos a humanidade em nós mesmos e na outra pessoa e dialogarmos em busca de soluções para as necessidades e sentimentos dos envolvidos.

Perguntas para orientar o debate:

- Punir gera reflexão e responsabilização a ponto de evitar que o ato se repita?
- Como o diálogo pode ajudar a compreender as razões da violência?
- Você e seus amigos têm agido de forma violenta? Por quê? Como mudar?

Para saber mais:

- Guia de mediação popular:

http://www.juspopuli.org.br/arquivos/publicacoes_dw/Guia_de_Mediacao_Popular.pdf

- Livro SEIDEL, Daniel (Org.) Mediação de conflitos: a solução de muitos problemas pode estar em suas mãos. Brasília: Vida e Juventude, 2007.

- Artigo Justiça Restaurativa no Brasil, de Delano Câncio Brandão, Defensor Público do Estado do Ceará. Disponível em:

<http://justicarestaurativaemdebate.blogspot.com/2010/08/artigo-justica-restaurativa-no-brasil.html>

- Justiça e Educação em São Caetano:

http://www.tj.sp.gov.br/Download/CoordenadoriaInfanciaJuventude/JusticaRestaurativa/SaoCaetanoSul/Publicacoes/jr_sao-caetano_090209_bx.pdf

- Projeto Perdão e Justiça, implementado pelo Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo (Cdhep), em São Paulo: www.cdhep.org.br

- Ações Programáticas do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/pndh3/pndh3.pdf>



Ficha 15 : Estabelecer relações interpessoais, afetivas e sustentáveis no âmbito da família e da comunidade

O que é Estabelecer relações interpessoais, afetivas e sustentáveis no âmbito da família e da comunidade?

Definição/Objetivo: É criar vínculos sociais e afetivos com pessoas de diferentes idades e manter esses laços de amizade e respeito por diversas fases da vida.

Constatação: Com mais autonomia, o adolescente passa a conhecer muito mais gente, mas invés de “deletar” do círculo de convivência as pessoas que foram importantes em outra fase da sua vida, você pode manter contato, aprender com elas e ampliar seu leque de amigos de todas as idades.

Tá na Lei

“A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade”.

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Art. 3

CATEGORIA:

✓ ATITUDE

DIREITO:

✓ CRESCER SEM VIOLÊNCIA

APRENDO A:

✓ CONVIVER

E DESENVOLVO:

✓ INTERAÇÃO

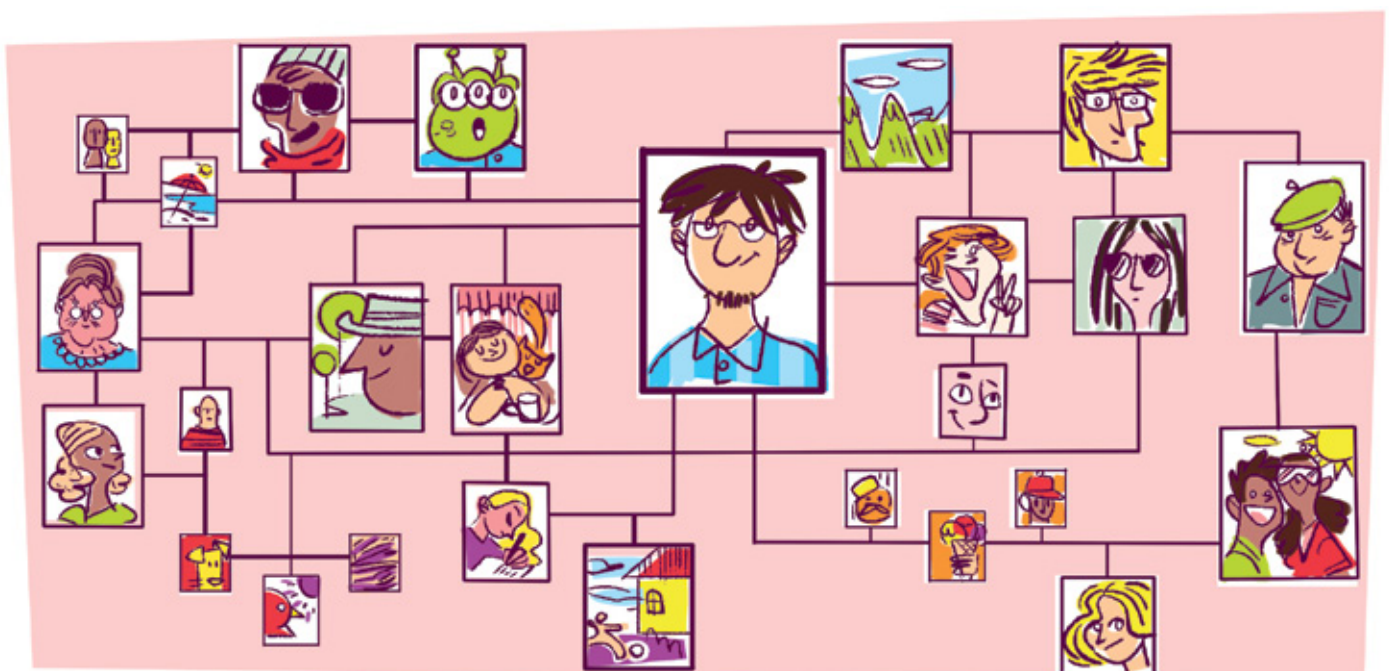
Como saber que sei manter relações interpessoais afetivas?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo.

- Pergunto porque determinado posicionamento foi adotado por meus pais e responsáveis, buscando compreender seus valores e preocupações.
- Assumo meus interesses e vontades, mas também considero a opinião de pessoas com mais experiência de vida.
- Procuo discutir meus problemas com pessoas de confiança na família e na comunidade.

Como desenvolver a capacidade de manter relações interpessoais afetivas?

Estabelecer laços de amizade com pessoas de diferentes idades é uma oportunidade para aprender com quem vive ciclos diferentes do nosso. Você pode perguntar sobre a experiência das pessoas na área de seu interesse (música, teatro, viagens, etc) ou discutir como vivenciaram situações parecidas com a sua.



Com quem contar para manter relações interpessoais afetivas?

Na família – Autonomia não significa desligamento emocional dos pais. Mesmo estando cada vez menos dependentes em termos psicológicos, os adolescentes podem continuar contando com o apoio familiar para compreender questões da vida e conquistar segurança para assumir novos papéis sociais.

Na escola – Compartilhar ideias e sentimentos com professores, coordenadores e outros funcionários da escola pode ajudar a refletir e tomar decisões na vida com mais segurança.

Na comunidade – Pais de nossos amigos, líderes comunitários, profissionais que admiramos, o Conselheiro Tutelar, o médico, a enfermeira podem fazer parte da rede de confiança dos adolescentes.

História de vida:

Ana Luísa, 13 anos, queria sair com os amigos no sábado à noite. As pessoas mais legais da escola estariam na festa. Ela presumia que seus pais não concordariam com isso. Quando foi conversar com eles, tentou compreender as razões de seus pais e percebeu que se preocupavam com a segurança, especialmente na volta para casa. Combinaram, então, que seu pai a encontraria na porta da festa às 23 horas. Ela queria ficar até a festa acabar, mas concordou que neste horário, tanto ela quanto seus pais ficaram seguros, inclusive para negociar o horário da próxima festa.

Você já viveu algo parecido? Como agiu? Qual foi o resultado? Como poderia ter sido diferente?

Contexto:

No início do século 21, o convívio de várias gerações tornou-se comum em casa e outros ambientes. Com o aumento da expectativa de vida, os avós de hoje, por exemplo, são pessoas ativas, que namoram, curtem a vida e podem ser amigos dos netos. Por que não expandir seu conhecimento e sua capacidade de comunicação por meio de uma relação afetiva com gente que tem vivência, interesses e valores diferentes dos seus?

Perguntas para orientar o debate:

- Você já vivenciou tensões com seus pais ou responsáveis porque pensam diferente e têm planos e perspectivas de vida diferentes?
- Há pessoas na sua família e sua comunidade que você admira pelo jeito com que levam a vida? Como poderia se aproximar delas?
- Se você sente que as pessoas ainda te tratam como criança, como poderia conversar para mudar essa relação e continuar convivendo com pessoas que foram e podem continuar sendo importantes em sua vida?

Para saber mais:

– Artigo sobre ECA e relações intergeracionais:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/12junqueira.pdf>

– Artigo sobre relações de netos adolescentes com seus avós:

http://www.actassnip2010.com/conteudos/actas/PsiFam_5.pdf

– Artigo sobre o impacto dos media nas relações intrafamiliares com adolescentes: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=100

– Artigo sobre pesquisa ação realizada em Presidente Prudente (SP) sobre trocas de experiências entre gerações: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1321/1261>

– Trabalho de conclusão do curso de Serviço Social da Universidade da Amazônia, de 2001, sobre conflitos entre pais e filhos adolescentes:

http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/Conflitos_entre_pais_filhos.pdf

– COATES V. Repercussões da adolescência no âmbito familiar. In: Coates V, Beznos GW, Françoso LA. Medicina do Adolescente. 2 ed. Sarvier. 2003;609–15.

Ficha 16 : Adotar atitude de respeito à diversidade

O que é Adotar atitude de respeito à diversidade?

Definição/Objetivo: É enxergar a beleza de cada cultura e aprender com as diferenças de etnia, orientação sexual, religião, cultura, gênero, deficiência, sem discriminação.

Constatação: As diversas características das adolescências brasileiras têm grande impacto nas oportunidades que a pessoa tem na vida. Veja exemplos:

- 32,4% dos entrevistados em escolas brasileiras admitem preconceito com alunos com deficiência¹.
- Meninos negros tem 3,7 vezes mais chances de sofrerem morte violenta do que meninos brancos.²
- Percentual de gravidez chega a 6,1% entre meninas negras e 3,9% entre as brancas (15 a 17 anos)³.
- Indígenas são três vezes mais vulneráveis ao analfabetismo que adolescentes em geral.⁴

Tá na Lei

“A criança gozará proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza”.

Declaração Universal dos Direitos da Criança - Princípio 10

CATEGORIA:

✓ ATITUDE

DIREITO:

✓ CRESCER SEM VIOLÊNCIA

APRENDO A:

✓ CONVIVER

E DESENVOLVO:

✓ INTERAÇÃO

Como saber que tenho atitude de respeito à diversidade?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Converso com pessoas de estilos e idades diferentes.
- Se me comporto de forma discriminatória, reflito sobre meus valores e procuro reparar danos causados.
- Se vejo brincadeiras de mal gosto na internet ou fora dela, procuro interromper o assunto, invés de “botar lenha na fogueira”.

Como desenvolver a atitude de respeito à diversidade?

Jogos de representação podem gerar reflexão e debate. Cada um assume um personagem:

1. Quem critica características pessoais das outras pessoas para obter popularidade.
2. Quem é discriminado.
3. Quem presencia a situação discriminatória. Os participantes improvisam como esses personagens. O facilitador pede para “congelar” a cena e o grupo discute quais as conseqüências de uma ou outra atitude.

Com quem contar para ter uma atitude de respeito à diversidade?

Na família – Respeitar o jeito de cada um, aceitar e valorizar suas características pessoais e identificar adultos de confiança são algumas estratégias.

Na escola – Educação é aprender valores, não só disciplinas formais. Para diminuir a ocorrência do bullying (humilhação verbal ou física, mesmo que de brincadeira), é preciso questionar padrões sociais discriminatórios e discutir regras de convivência.

Na Internet – O termo “Cyberbullying” refere-se aos constrangimentos que acontecem em meios eletrônicos com mensagens e imagens que circulam por e-mails, sites, blogs, redes sociais e celulares. A atitude é virtual, mas os efeitos da agressão são reais. Quebrar correntes de humilhação online e criar grupos de discussão, comunidades e debates é um dos caminhos para acabar com essa prática na rede.



História de vida: Respeito é bom e eu gosto

Zé Ricardo, 16, faz sucesso com suas brincadeiras. Uma delas é pegar no pé da Priscila, menina tímida de voz baixinha, inventando apelidos como muda, apagão, vento. Ela nunca revidou. Não saía da sala no recreio, não fazia trabalhos em grupo e começou a faltar as aulas, sentindo-se rejeitada. Joana percebeu e teve um particular com Zé: "Escuta, você parece só conseguir enxergar quem é igual a você". E o desafio: "você conseguiria usar seu carisma para promover inclusão, invés de exclusão?". Zé refletiu sobre as brincadeiras e começou a prestar atenção no jeito de cada um e como tinha dificuldade em lidar com a diferença. Em busca de mudança, ele se ofereceu para fazer um trabalho com Priscila. Descobriu, por exemplo, que ela era ótima pesquisadora. Essa capacidade dela, somada à facilidade que Zé tinha para se expressar, tornou a dupla imbatível. E então Zé percebeu que era ele quem apagava Priscila, e começou entender a importância de conviver com a diferença.

De que outras maneiras seria possível promover o respeito à diversidade na sala de Zé?

Contexto:

O bullying é um problema social fundamentado na intolerância ao outro. É uma maneira agressiva (mesmo que de brincadeira) que estigmatiza uma pessoa como inferior por ser diferente do grupo. Isso acaba gerando atos contínuos de inferiorização. Só que para continuar, o bullying depende de respaldo social. Portanto, todos nós podemos romper esse ciclo de humilhação.

Perguntas para orientar o debate:

- Como seria o mundo se fôssemos todos iguais? O que perderíamos?
- Você já sofreu algum tipo de discriminação por ser menino, menina, por causa da cor da sua pele, por ter alguma deficiência, ou outro motivo? Como reagiu?
- Você já praticou ou presenciou algum tipo de discriminação? Como agiu?

Para saber mais:

- Sobre racismo: www.unicef.org.br (clique no link da campanha "Por uma infância sem racismo")

- Sobre diversidade sexual:

Grupo Corsa: www.corsa.org.br

E-jovem: www.e-jovem.com

- Sobre Bullying:

Programa Aprender sem Medo:

http://www.aprendersemmedo.org.br/publicacoes/download/cartilha_enfrentamento_bullying.pdf

Bullying como problema social:

http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8172

¹ Fipe. Pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar. Brasília: MEC/Inep, 2009

² IHA, 2009

³ IBGE/Pnad, 2009

⁴ IBGE/Pnad, 2008

Ficha 17 : Utilizar novas tecnologias da informação e comunicação e ter uma visão crítica da mídia

O que é Utilizar novas tecnologias da informação e comunicação e ter uma visão crítica da mídia?

Definição/Objetivo: É fazer uso das plataformas tecnológicas para expressar-se livremente, formular e manifestar opiniões sobre quaisquer assuntos através de quaisquer meios, ser informado, participar nos debates públicos, acessar e produzir conhecimento.

Constatação: A comunicação é ao mesmo tempo um direito e um instrumento de mobilização para os direitos. O direito à comunicação associa-se ao direito à educação, cultura, saúde, justiça e muitos outros direitos. Ações de comunicação comunitária, por exemplo, geram debate sobre as necessidades de uma comunidade, valorizam a cultura local e promovem o fortalecimento da identidade de uma região.

Tá na Lei

“A criança terá o direito à liberdade de expressão; este direito incluirá liberdade para procurar, receber e partilhar informações e ideias de todos os tipos, independentemente de fronteiras, oralmente, por escrito ou na forma impressa ou de arte, ou através de qualquer outro meio de escolha da criança”.

Convenção sobre os Direitos da Criança – Art. 13

CATEGORIA:
✓ HABILIDADE

DIREITO:
✓ SER ADOLESCENTE

APRENDO A:
✓ FAZER

E DESENVOLVO:
✓ IDENTIDADE
✓ INTERAÇÃO

Como saber que sei Usar as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e tenho visão crítica da mídia?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Manifesto minhas opiniões sobre assuntos diferentes em meios diversos.
- Sei o que acontece ao meu redor: em minha comunidade, cidade, estado, país, mundo por diversas fontes de informação.
- Participo de processos de comunicação pública (fóruns, conselhos, conferências, etc).

Como desenvolver a capacidade de usar as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e ter visão crítica da mídia?

- Participar de projetos de comunicação comunitária elaborados por, para e com moradores locais, estudantes e grupos culturais.
- Participar de debates sobre o direito à comunicação por meio de comitês ou conselhos locais de comunicação, formados por lideranças populares, adolescentes e outros atores sociais.
- Observar criticamente os conteúdos veiculados nos meios de comunicação existentes: eles refletem as demandas e necessidades da sua comunidade? Refletem a diversidade de realidades do Brasil?

Com quem contar para utilizar as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e ter visão crítica da mídia?

Entre adolescentes: Você pode produzir programas de rádio, fanzine, jornal mural entre grupos de adolescentes (grêmio estudantil, grupos culturais, religiosos, entre outros), criar comunidades no Orkut ou páginas no Facebook sobre temas relevantes para o desenvolvimento dos adolescentes.



Nas Escolas: A comunicação (rádio, jornal, blog, etc) ajuda a aprender o conteúdo formal, a divulgar informações sobre seus direitos e a promover sua participação no âmbito escolar.

Na Comunidade: Rádios comunitárias, cartazes, jornal de bairro, fanzines, panfletos, varal, painel, sistema de som, rádio-poste, são algumas soluções criativas de baixo custo com resultados positivos para mobilizar a comunidade.

Na Mídia: Meninas e meninos devem ser ouvidos e sua opinião deve ser levada em conta nas matérias sobre seus direitos. Você pode utilizar canais de interatividade (cartas dos leitores, emails, telefonemas) para expressar sua opinião sobre o que é divulgado na mídia.

História de vida:

O grêmio estudantil decidiu fazer uma rádio escolar e passou nas salas procurando voluntários. Mateus, 15, menino tímido, não quis falar na hora, mas foi até o grêmio no recreio para se colocar à disposição. Sua primeira matéria seria sobre acessibilidade, questão que conhecia bem, já que seu irmão usava cadeira de rodas. Mateus iniciou uma pesquisa junto aos conselhos tutelares e de direitos, encontrou a lei sobre o assunto, entrevistou estudantes, professores e a direção e nem lembrou da timidez na hora de colocar sua matéria no ar. No estúdio improvisado na sala do Grêmio, ele parecia protegido e falava firme e sem medo. Sua matéria gerou uma campanha, que resultou na construção de rampas na escola. Você conhece outras histórias que envolvem o uso da comunicação?

Contexto:

O termo “Educomunicação”, definido pelo pesquisador, Jesús Martín-Barbero, é um processo educativo que permite aos alunos apropriarem-se criativamente dos meios de comunicação; integrar a voz dos estudantes ao Ecosistema Comunicativo da escola e, em última instância, melhorar a gestão do ambiente escolar com a participação dos educandos.

Perguntas para orientar o debate:

- Quem define o conteúdo disponibilizado nos meios de comunicação?
- Você já produziu informação? Como disponibilizou isso para outras pessoas verem/comentarem?
- Você já interagiu com algum veículo de comunicação por meio de carta, telefonema ou email? Como?

Para saber mais:

- Metodologias de uso da comunicação entre adolescentes:
www.unicef.org/brazil/pt/br_educomunicacao.pdf
- Dicas de como ampliar e qualificar a comunicação entre adolescentes no Semiárido: www.unicef.org/brazil/pt/br_comunicacao_guia_sab.pdf
- Adolescentes Pró-Selo:
<http://jovenscomunicadores.ning.com>;
<http://adolescentesproseloma.wordpress.com>;
http://www.unicef.org/brazil/pt/where_13615.htm
- Revista Viração: www.viracao.org/revista.htm
- Programa Mais Educação, do MEC, que oferece a opção de “Educomunicação”:
http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=586&id=12372&option=com_content&view=article
- Projeto Cala a Boca já Morreu: <http://cbjmbr.blogspot.com/p/quem-somos.html>
- Observatório do Direito à Comunicação:
<http://http://www.direitoacomunicacao.org.br/index.php?>
- Educomunicação e formação de professores da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP):
<http://educomfeusp.wordpress.com/>

Ficha 18 : Desenvolver a comunicação interpessoal

O que é Desenvolver a comunicação interpessoal?

Definição/Objetivo: É a capacidade de comunicar suas ideias, sentimentos, valores e necessidades, escutar visões de mundo diferentes das suas, gerenciar críticas e compreender o ponto de vista do outro.

Constatação: Quando a gente recebe uma crítica é comum ficar chateado, guardar rancor ou até criticar quem nos criticou! Mas o que conseguimos com essa atitude? A crítica é uma forma de expressar necessidades não atendidas. Buscar junto com a pessoa como cuidar das necessidades, lembrando que não somos a única estratégia que ela tem para atendê-las é um ótimo caminho.

Tá na Lei

“O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:
II - opinião e expressão;
V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação”.

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Art. 16

CATEGORIA:
✓ HABILIDADE

DIREITO:
✓ SER ADOLESCENTE

APRENDO A:
✓ FAZER

E DESENVOLVO:
✓ IDENTIDADE
✓ INTERAÇÃO

Como saber que sei me comunicar?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Consigo aprender com situações em que me sinto triste ou com raiva.
- Consigo expressar meus sentimentos, valores e necessidades de forma clara.
- Escuto críticas e elogios como formas de expressar necessidades não atendidas ou atendidas.

Como desenvolver a capacidade de me comunicar?

Observar sem julgar, identificar nossos sentimentos, assumir a responsabilidade por eles, identificar nossas necessidades atendidas ou não, pedir ou agir para cuidar do que precisamos é o caminho. Vale também escutar o que os outros precisam, buscar compreender a situação da outra pessoa e tomar decisões de forma compartilhada.

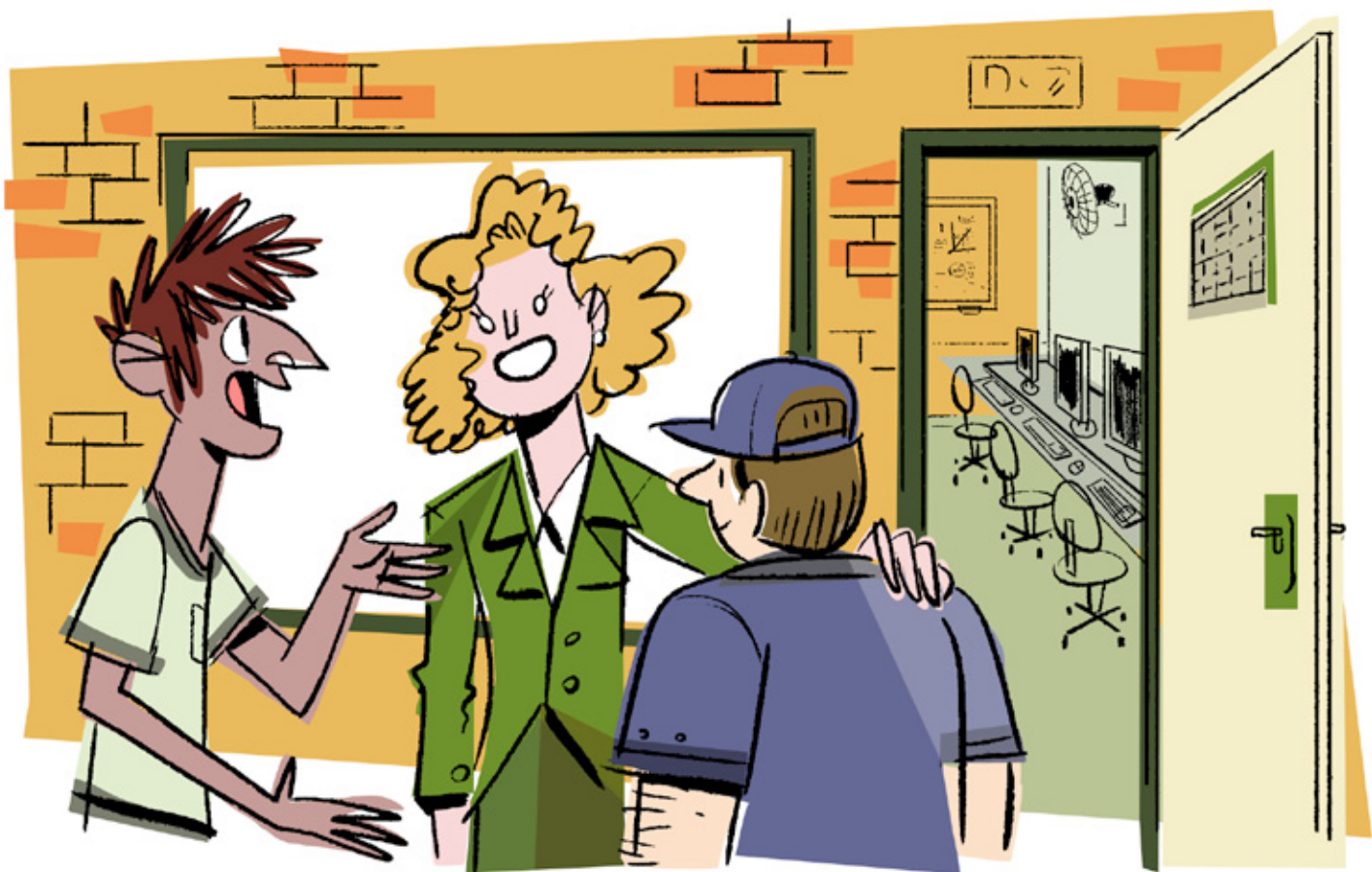
Com quem contar para aprender a me comunicar?

Na família – Adolescentes precisam de espaço e autonomia. Pais precisam sentir segurança que seus filhos sabem fazer escolhas. O caminho é conversar sobre nossas necessidades e escutar o que nossos pais precisam, encontrando estratégias que cuidem de todos.

Na escola – Atividades como teatro, rádio e jornal comunitário podem ajudar a driblar a timidez, a pesquisar sobre temas diversos aumentando nosso repertório e a gerar mais interação e movimento na escola.

Na Comunidade – Frequentar espaços comunitários como a feira, o mercado, a praça e a associação do bairro contribui para compreender melhor suas funções na comunidade e encontrar espaços de expressão para suas ideias em relação a possíveis melhorias para o lugar onde mora.

Consigo mesmo – Ficar atento ao nosso corpo, como está a respiração, as sensações, sentimentos e pensamentos nos ajuda a perceber quando estamos nervosos, calmos e, especialmente, quando estamos escutando ou apenas aguardando o outro terminar de falar para rebater.



História de vida:

Paulinho, 15, não entendia porque os estudantes só podiam utilizar os computadores no horário da aula, enquanto a sala ficava trancada e vazia nos intervalos. Ele decidiu conversar com a diretora. No início, ela nem lhe deu ouvidos, pois não estava acostumada a conversar com adolescentes sobre o uso dos equipamentos da escola. Mas Paulinho escutou com calma e percebeu que não havia funcionário que ficasse responsável por cuidar dos estudantes, do ambiente e dos equipamentos fora do horário de aula. Junto com outros estudantes e funcionários da escola, eles reorganizaram o horário dos inspetores e conseguiram que, durante alguns períodos, a sala ficasse disponível para uso dos estudantes fora do horário de aula.

Compartilhe alguma situação em que você não tenha conseguido escutar o ponto de vista da outra pessoa. E uma situação em que você foi plenamente escutado.

Contexto:

Comunicação pressupõe que as pessoas envolvidas na conversa se escutem e se compreendam: a mensagem chega a seu destino. Muitas vezes, a gente se expressa, mas a outra pessoa não consegue escutar o que a gente queria comunicar e vice-versa. Aprender a se comunicar e receber o que o outro fala de maneira a se conectar com suas necessidades e valores contribui para que nossas diferenças diminuam e para que possamos encontrar ações que satisfaçam a todos.

Perguntas para orientar o debate:

- Você já tentou convencer alguém sobre uma decisão? Como?
- Quando não conseguimos dizer o que sentimos e precisamos, o que podemos fazer?
- Quando não conseguimos mais escutar a outra pessoa, quais são as nossas opções?

Para saber mais:

Descole um caderno para anotar as situações em que não conseguiu escutar o que a outra pessoa estava dizendo. O que você estava sentindo naquele momento? E pensando? O que você estava precisando? Com o tempo, você vai se conhecendo melhor e ampliando seu vocabulário de sentimentos e necessidades, e também a habilidade de compartilhá-los com as outras pessoas.

- Livro "Comunicação Não-Violenta", de Marshall Rosenberg, editora Ágora

Ficha 19 : Identificar quando os outros precisam de ajuda e desenvolver atitude de solidariedade

O que é Identificar quando os outros precisam de ajuda e desenvolver atitude de solidariedade?

Definição/Objetivo: É desenvolver a sensibilidade para enxergar e compreender as dificuldades que as outras pessoas enfrentam e colaborar na busca de soluções coletivas e criativas para elas. Para isso, é preciso desenvolver valores como a solidariedade, a justiça social e o sentido do bem comum.

Constatação: A atitude de solidariedade vai além do discurso, implica ação. Dar atenção quando alguém próximo a você está triste e precisa desabafar, integrar um grupo de apoio a pessoas desabrigadas, se engajar como voluntário são algumas maneiras de colocar em prática a solidariedade. Agir em prol do bem comum é romper a indiferença e sentir-se parte de um sistema em que os elementos atuam em interdependência, ou seja, o bem-estar do outro contribui para o bem geral da sociedade.

Tá na Lei

“Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”.

Declaração Universal dos Direitos Humanos – Art. I

CATEGORIA:
✓ HABILIDADE

DIREITO:
✓ SER ADOLESCENTE

APRENDO A:
✓ CONVIVER

E DESENVOLVO:
✓ INTERAÇÃO

Como saber que identifico quando os outros precisam de ajuda e tenho atitude de solidariedade?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Observo se as pessoas precisam de algum apoio e coloco-me à disposição para ouvi-las.
- Se vejo uma situação de injustiça, procuro intervir ou chamar quem pode intervir de maneira adequada.
- Participo de campanhas, mutirões, movimentos que buscam o bem comum em minha escola, comunidade ou cidade.

Como desenvolver a capacidade de identificar quando os outros precisam de ajuda e adotar atitude de solidariedade?

Observar, ouvir, ter atenção e cuidado com as pessoas que nos cercam e perceber o que podemos fazer para contribuir para que a vida dessas pessoas seja mais plena e mais justa, mesmo em situações cotidianas como no ônibus ou nas ruas. A atitude de solidariedade transforma a vida dos outros, mas também muda a nossa vida pois ela amplia nossa capacidade de compreensão sobre o ser humano.

Com quem contar para desenvolver a capacidade de identificar quando os outros precisam de ajuda e adotar atitude de solidariedade?

Na família – Colocar-se à disposição e contribuir com as atividades coletivas que envolvem um ou vários integrantes da família pode ser uma maneira de perceber as necessidades e contribuir para uma vida mais harmoniosa e feliz em casa.

Na escola – Participar ativamente das aulas, eleger representante de turma, grêmio, organizar atividades culturais e recreativas são outras maneiras de promover o diálogo entre os estudantes e toda a comunidade escolar (professores, servidores, diretores, etc).

Na comunidade – Envolver-se em atividades comunitárias: esportes, atividades culturais e artísticas, mutirões e interagir com outros moradores na feira, no mercado, na porta de casa, buscando compreender as necessidades e buscando soluções criativas e coletivas para promover a melhoria da vida em comum.

História de vida:

Mariana, 16, sempre quis ser médica. Mantinha-se concentrada nas aulas e depois se trancava na biblioteca. A estratégia parecia dar certo: tudo indicava que ela passaria no vestibular para medicina. Mas nem toda a turma tinha essa capacidade de concentração, método e tempo disponível. Foi então que Mariana refletiu que ser médica é trabalhar pelo bem de todos. Se ela fosse a única a se dar bem na escola, esse princípio já estaria frustrado. Mariana organizou, então, um plantão de dúvidas em que um aluno ensinava o que mais sabia para os colegas. Os professores apoiaram. As notas subiram, a turma ficou mais confiante e a capacidade de aprender aumentou de forma coletiva.

Contexto:

Ser solidário é perceber que fazemos parte de um sistema em que os elementos trabalham de forma interdependente com um propósito comum. Para que o sistema funcione, os indivíduos devem se comunicar e agir de maneira colaborativa. Em uma sociedade marcada pela competitividade, pode parecer difícil nos organizarmos de forma colaborativa, mas quando cada um pensa apenas nos seus próprios interesses, a sociedade como um todo torna-se insustentável.

Perguntas para orientar o debate:

- Você conhece sistemas que funcionam de forma colaborativa, com base na solidariedade, em sua escola, cidade ou comunidade?
- Quais as vantagens de ter atitudes de solidariedade na vida?
- Como seria possível promover a solidariedade entre amigos, colegas, familiares?

Para saber mais:

- Palestra "Interdependência ou Morte", do publicitário Ricardo Guimarães: http://www.tedxrio.com.br/palestras/ricardo_guimaraes/
- Projeto de solidariedade realizado em escola de Irecê: <http://projetosolidariedade.blogspot.com.br/>
- Site Ser solidário é ser 10!: <http://wqsolidariedade1.vilabol.uol.com.br/>
- Direitos Humanos e Cidadania: <http://www.dhnet.org.br>
- Portal do voluntário: <http://portaldovoluntario.v2v.net/>



Ficha 20 : Defender a ética, o respeito às coisas públicas e participar dos mecanismos de controle social

O que é Defender a ética, o respeito às coisas públicas e participar dos mecanismos de controle social?

Definição/Objetivo: É a capacidade de identificar os espaços, equipamentos e serviços públicos a que todos deveriam ter acesso e conhecer as instâncias, modalidades e formas de controlar, fiscalizar, denunciar abusos ou corrupção de políticos, governantes e funcionários públicos.

Constatação: Cuidar das coisas públicas – a praça, o hospital, o dinheiro arrecadado com impostos para melhorar a vida da população – é uma das maneiras de defender o que é de todos. Cuidar das coisas públicas é garantir que os bens e serviços voltados para a população em geral não sejam apropriados por grupos ou indivíduos que têm mais poder ou mais dinheiro do que a grande maioria.

Tá na Lei

“O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: opinião e expressão; participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; participar da vida política, na forma da lei”

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Art. 16

CATEGORIA:
✓ HABILIDADE

DIREITO:
✓ SER ADOLESCENTE

APRENDO A:
✓ CONVIVER

E DESENVOLVO:
✓ INTERAÇÃO

Como saber que sei defender a ética, o respeito às coisas públicas e participar dos mecanismos de controle social?

Confira se já pode responder “Sim” para as afirmações abaixo:

- Participo de conselhos em minha escola, comunidade e cidade.
- Estou de olho nos gastos do orçamento público.
- Participo de ações comunitárias e/ou escolares para garantir a manutenção e melhoria dos espaços públicos.



Como desenvolver a capacidade de defender a ética, o respeito às coisas públicas e participar dos mecanismos de controle social?

Procure se informar, ler jornais, blogs, revistas sobre o que acontece em sua comunidade, cidade, estado e país. Você também pode participar de conselhos, fóruns, associações e se engajar em grupos que já estão de olho no uso dos bens públicos. As câmaras legislativas e o Congresso Nacional também contam com canais de interatividade com a população que podem ser usados por você.

Com quem contar para defender a ética, o respeito às coisas públicas e participar dos mecanismos de controle social?

Na família – Há sempre um irmão, tio ou primo que tem mais interesse em política e assuntos comunitários. Procure conversar com essa pessoa e identificar como ela se informa e participa de ações que procuram defender as coisas públicas.

Na escola – Participe de conselhos, grêmio, representação de turma, que podem ser criados pelos estudantes, com apoio de professores mais politizados e atentos para a questão pública.

Na comunidade – Conhecer e participar dos conselhos, centros de defesa, associações comunitárias e ações de comunicação são formas de compreender como são definidas as prioridades para atender a população do lugar onde você mora.

História de vida:

Zé Maria, 17, nunca se esqueceu das promessas feitas por aquele candidato a vereador que chegava na comunidade montado à cavalo distribuindo santinhos: abrir estrada, reformar a ponte e levar luz elétrica para os vilarejos mais longínquos. Zé participou da feijoada de agradecimento que o novo político promoveu quando foi eleito. E agora? Zé foi atrás do locutor da rádio comunitária organizada pela igreja e fez uma chamada para que outros moradores interessados se reunissem. A chamada acabou rendendo uma reunião por mês, algumas com a participação de vereadores, líderes comunitários e outros moradores para discutir não só as promessas daquele político, mas também como definir o que era mais importante para a comunidade e como conseguir recursos para atender essas necessidades.

Contexto:

Como parte do exercício da democracia, é preciso participar e acompanhar como são feitas as melhorias para a vida da população. Essa participação, por meio de conselhos, fóruns, associações e outros mecanismos promove o engajamento das pessoas (inclusive adolescentes) nas soluções dos problemas da comunidade e ajuda a superar a sensação de impotência e alienação pois as pessoas tomam para si a responsabilidade diante das questões públicas.

Perguntas para orientar o debate:

- Você sabe como são decididas as ações na sua escola, comunidade, cidade?
- Você dá sua opinião sobre o que é prioridade para a sua comunidade?
- Já tirou seu título de eleitor? Votou e acompanha o que seus candidatos ou os candidatos apoiados por seus familiares estão fazendo?

Para saber mais:

- Câmara dos Deputados: <http://www2.camara.gov.br/>
- Senado Federal: <http://www.senado.gov.br/>
- Projeto “Onda”: Adolescentes em Movimento pelos Direitos: <http://protagonismojuvenil.inesc.org.br/>
- O trabalho legislativo em linguagem acessível: <http://www.plenarinho.gov.br/>